

UM PARAÍSO
CHAMADO COMBU
Páginas 12 e 13

VAMOS
"MOSQUEIRAR"?
Páginas 6 e 7

FASCÍCULO
1

Diário do Pará

www.diarioonline.com.br / BELÉM-PA, DOMINGO, 09/04/2019



É HORA DE CAIR NA ESTRADA...

Aqui você encontra
as melhores opções e
dicas para ter férias
inesquecíveis

Nessa 1ª edição, a sua vaga no "popopó" está garantida. Embarque e saiba tudo o que rola no "turismo ribeirinho" pelas ilhas da Grande Belém.

Patrocinio:



Você marca a nota.



Realização:

Diário do Pará



2



PHOTO: G. OLIVEIRA

Diário de Pará
DOMINGO, BELÉM-PA, 09/06/2019

EXPEDIENTE

Director-presidente
Jader Barbalho Filho

Director de redação
Clayton Matos

Editor
Sérgio Augusto

Reportagens
Denilson d'Almeida

Diagramação
Francisco Carlos

Todos a bordo? A aventura Na Estrada vai começar

CHEGOU O VERÃO

Mais um verão que chega e é hora de planejar a viagem para estas férias. Só de pensar nisso, o entusiasmo aumenta, não é verdade? Afinal, quem não gosta de uma aventura regada a adrenalina, banho de sol, contato com a natureza e, claro, muita diversão? O DIÁRIO novamente pretende ajudar a você, nosso leitor, a pegar a estrada

e percorrer os melhores destinos que o Pará possui e que atende a todos os gostos.

A partir de hoje você acompanha uma nova série especial com os melhores roteiros de viagens para fazer pelo Estado. O NA ESTRADA COM O DIÁRIO 2019 apresenta um pouco do enorme potencial turístico que o Pará tem a oferecer. Um roteiro incrível por praias de rio e mar, piscinas naturais, trilhas ecológicas e igarapés que encantam e exaltam a maravilha que é a

Amazônia. Ao todo serão cinco cadernos encantados gratuitamente, com publicação sempre aos domingos.

Neste primeiro caderno, vamos pegar um "popopô", embarcar rumo as ilhas da Grande Belém e entender o porquê desse "turismo ribeirinho" ter colocado a capital paraense na rota do turismo ecológico. O destaque é a ilha do Combu, localizada em frente a capital paraense. Esse paraíso que alia arte, gastronomia e naturo-

za se tornou um dos melhores destinos para ecoturismo na região. Ela se tornou a "queridinha" dos famosos que estão de passagem por Belém.

Também vamos conhecer as ilhas onde o rio faz ondas que se misturam com praias. Mosqueiro, Outeiro, Cotijuba, juntas, apresentam mais de 20 opções de praia de água doce, bem próximo a Belém.

Ananindeua também entra para o roteiro do turismo ecológico - ou turismo ribeirinho, como preferimos denominar - com 14 ilhas habitadas e prontas para ser exploradas de forma sustentável pelos turistas.

Embarque com a gente! Vamos nos aventurar pela Amazônia belenense que ainda poucos conhecem!



Que tal aquela tapiquinha logo cedo na “bucólica”?

As praias são de rios que fazem ondas, o que não falta é trilha e espaço para esportes radicais. Está esperando o que?

BADALAÇÃO

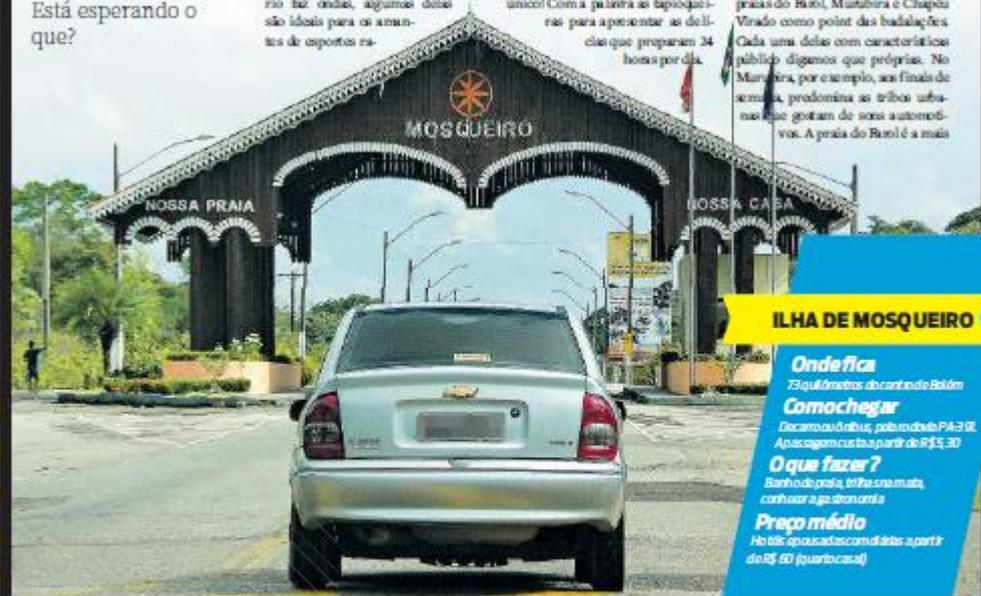
Conhecida carinhosamente pelo apelido de “bucólica”, a ilha de Mosqueiro, em Belém, é um dos destinos mais procurados durante as férias. Cercada de praias onde o rio faz ondas, algumas delas são ideais para os amantes de esportes ra-

dicais tanto aquáticos quanto urbanos. Surf na praia do Cachimbo, stand up paddle (SUP) no Mamãe e ciclismo e corrida de rua ao longo da orla são algumas das opções. A ilha também tem caminhos de trilhas ainda pouco conhecidas pelos turistas. Isso sem falar que Mosqueiro apresenta um turismo gastronômico único! Com a palavra as tapiquinhas para apresentar as delícias que preparam 24 horas por dia.

Na temporada de verão o movimento de surfistas em direção a praia do Cachimbo aumenta. Esta praia é bem pouco frequentada e fica próxima do Marajó. O cenário nela é cativante e um dos melhores locais para apreciar o pôr do sol, inclusive.

No geral, a maioria do público que frequenta Mosqueiro, se dirige as praias do Rauli, Mutubira e Chapéu Virado como point das badalações. Cada uma delas com características próprias dignas de próprias. No Mutubira, por exemplo, aos finais de semana, predomina as tribos urbanas que gostam de sons eletrônicos. A praia do Rauli é a mais

FOTO: ALVARO REIS/ISTOCK



ILHA DE MOSQUEIRO

Onde fica

73 quilômetros do centro de Belém

Como chegar

De carro ou ônibus, pelo rodovia PA-308.

Após pagar custo a partir de R\$3,30

O que fazer?

Banho de praia, trilhas na mata, cultura e gastronomia

Preço médio

Ho téis e poucas acomodações a partir de R\$ 60 (quarto/casa)

Diário do Pará
DOMINGO, 09.EM.19, 09/05/2019

Na estrada
COM O
DIÁRIO

7



popular. A vila, mais precisamente a Praça em frente a Igreja Matriz, é o grito das famílias, durante a noite.

A ilha oferece diversas opções de hospedagem, desde hotéis pousadas e recentemente hotel.

ARQUITETURA

Casarens antigos e chals são algumas das edificações que chamam a atenção em Mosquito. Um dos que causa admiração aos visitantes é a chácara do "Canto do Sabão", que tem influência alemã na arquitetura. Localizada na rua Nossa Senhora do Ó, no bairro da Vila.

GASTRONOMIA

Nem só de tapiquinha "vive" Mosquito. Ao longo dos quiosques na orla há várias iguarias que tornam o sabor da ilha algo singular, como unhas de caranguejo (salgado) e pastéis. No almoço, é claro, predomina o peixe no cardápio mais saborosa se experimentar.

Para quem deseja fugir da agitação da praia, pode escolher almoçar



no "Sítio Pastiguara", um restaurante ribeirinho construído a partir de uma perspectiva ecológica. As balsas flutuam sobre garras de pau que foram retiradas do rio Pastiguara. O

lugar também oferece trilhas pela mata e consiste num dos melhores destinos de viagem ainda pouco conhecidos. No cardápio camarão no bafê, o peixe assado de brasa e o fi-



FORN MARIANO/REUTERS

hotei grelhado. Tudo acompanhado de açaí colhido na ilha mesmo.

O acesso ao Sítio Pastiguara é feito somente em pequenas embarcações que partem do porto do Maracá, no final da rua Siqueira Mendes, na Vila. O único contratempo é que não há uma saída regular de barcos para fazer a travessia. É preciso fretar uma mibota ou lancha ou popopó (pequenas embarcações). Os valores do frete custa a partir de R\$ 30. A viagem de barco leva em média 30 minutos.

ROBERTO FERNANDES/REUTERS

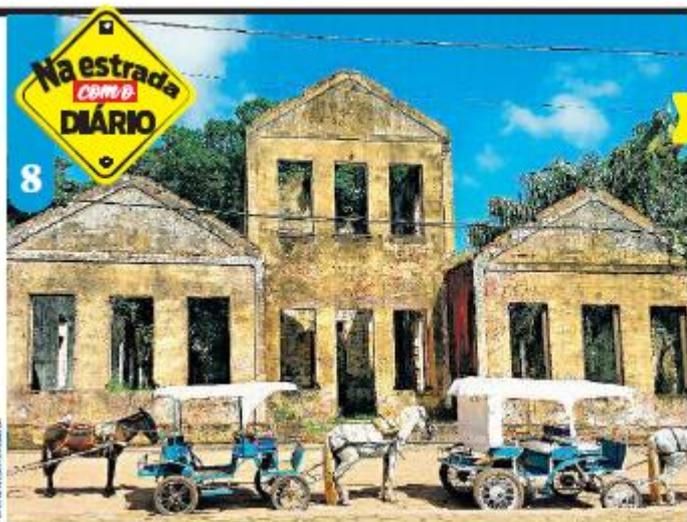


FOTO: HELIO SOUTHEAST

Diário do Pará

DOMINGO, 08.05.2019

ILHA DE COTIJUBA

Onde fica

A 30 minutos de Belém, perfundo de Icoaraci

Como chegar

Travessia de barcos que partem do trapiche de Icoaraci e das passagens custam de R\$ 3,60 a R\$ 4,50. Tem a linha para o garrafão bondinho chamado para a praia do Vai Quem Quer, a R\$ 4 a R\$ 8 mesmo propõe moto-taxi.

Onde ficar?

Fazendinha perfundo R\$ 40 (quarto casal).

O que fazer?

Trilhas, banho de praia, experimentar a gastronomia.

Saudade, Amor e Vai Quem Quer em Cotijuba

O título acima batiza três das praias mais conhecidas da ilha, distante apenas 30 minutos de Belém, a partir do distrito de Icoaraci

CHARME ESPECIAL

A ilha de Cotijuba é uma das 39 que cercam Belém e tem um charme especial. Possui praias com características distintas, sendo as mais conhecidas: Farol, Saudade, Amor e Vai Quem Quer. Distante a meia hora de Belém, o principal e único aces-

so à ilha é por barcos que partem do trapiche de Icoaraci. O preço das passagens é barato, custa a partir de R\$ 3,60 (preço de uma passagem de ônibus na capital). O principal meio de transporte na ilha são as charretas, motocharretas e bondinhos.

As praias do Farol, que fica na parte mais urbana da ilha, e do Vai Quem Quer são as duas mais frequentadas pelos turis-

tas. Hoje, quem chega a do 'vai quem quer' começa a ser recepcionado por funcionários de restaurantes logo que desce do bondinho ou da charrete. "Temos wi-fi", é o discurso convidativo para que o turista almoce nestes estabelecimentos.

Há quem atribua a Cotijuba uma atmosfera mágica e cercada de lendas relacionadas a sua história. Ao chegar no trapiche da

ilha, o turista se depara com as ruínas do Educandário Nogueira de Faria – uma construção do início do século XX com a finalidade de ser um centro de capacitação para que jovens em conflito com a lei (infratores) pudessem entrar no mercado de trabalho. Em 1955, o educandário virou um presídio – segundo os historiadores, um local de torturas e maus tratos. Esse capítulo da história guarda muitas outras narrativas que estão no imaginário dos moradores da ilha. Escolher a ilha como destino de férias e viagem não é somente uma aventura por praias e trilhas. Há muito a se conhecer e aproveitar no lugar.

Na volta da ilha, já no final da tarde, o turista pode experimentar uma deliciosa coxinha feita com massa de macaxeira. É típico do lugar, se assim podemos considerá-la.

Diário do Pará

DOMINGO, BELÉM-PA, 09/06/2019

ter hidratado e nutrido durante o passeio pela floresta. As descobertas ficam por conta das espécies botânicas que o trilheiro vai encontrar no percurso.

O acesso até as ilhas de Ananindeua se dá com o apoio de pequenas embarcações que partem de pequenos portos e trapiches no bairro do Curuçambá. Estes portos ficam distantes a 700 metros do final da linha de ônibus (Curuçambá/Ver-o-peso e Curuçambá-Piçó Belém). Não há um preço tabelado no valor das passagens, isto varia a de barqueiro para barqueiro. No geral, cobram em média R\$ 5 para fazer a travessia. A aventura começa quando entra no barco e se deslumbra com a paisagem e a natureza envolta.

Curiosidade histórica

A ilha de João Pilatos era conhecida inicialmente por São José, e a fundação da comunidade data de 1817, quando o ferreiro José da Silva Luz. Em 1989, um japonês comprou uma terreno e registrou na União com o nome da ilha de João Pilatos e não São José.

ILHAS DE ANANINDEUA

Onde fica

Rio São Mateus, Ilhas de Belém

O que fazer?

Barbado japonês, trilhas ecológicas e experiências gastronômicas.

Como chegar?

De ônibus a passagem custa R\$ 3,60 de carroçage pela Estrada do Curuçambá, andaração de São João. E no Porto do São João, há estacionamento privado.



11



REUTERS/VEZIO



O nome Combu significa paraíso?

É essa a impressão que tanto moradores quanto visitantes têm do local, que encanta por ser único



ILHA DO COMBU

Onde fica

Uma ilha entre a Belém

Como chegar

Até mesmo na ilha parte do trajeto em Paga Pissaca hábit, no final da Alameda Domitiana e Avenida Benedito Saia (paralela à Camargos). No momento da travessia o barqueiro pergunta qual estuário você vai, é só dizer que te dou um na tapeira do estuário.

Se voltar no final de tarde, o pôr do sol não vai encerrar pacífico, com nuvens douradas.

Preço médio

R\$ 70 por pessoa e barco

Na prática, a Ilha do Combu, em Belém, é aquele paraíso onde todos gostariam de adquirir um terreno e construir uma casa para morar. É um lugar de sonhos – e dos sonhos. Localizada em frente à cidade, no outro lado do Rio Guamá, a ilha despertou recentemente para o turismo ecológico e gastronômico. Ali estão expressas a cultura ribeirinha amazônica e a receptividade acolhedora da nossa gen-

te. A natureza exuberante, as cores, os cheiros, os sabores se juntam ao um dos melhores banhos de rio a se tomar. Tudo isso torna um passeio pelo Combu uma experiência mágica – que inclusive já encantou diversos artistas famosos que estavam de passagem pela capital paraense.

A dica para quem atravessa o rio Guamá em direção à ilha é trajegar-se o espírito aventureiro, esquecer um pouco o estresse da “selva de pedras”, dos problemas. Como di-

zem os poetas: Fugere ubem! Deixar os hábitos e costumes urbanos em casa. Antes de embarcar isso é essencial, pois é importante você se desvincular de toda a rotina para sentir a melhor atmosfera do ambiente.

Quanto mais você adentra os furcos e igarapés que cortam a ilha, mais se impressiona com o clima e paisagem. É assim: ita o olhar sobre a mata e consegue enxergar algumas espécies de aves e árvores nativas, se der

Diário do Pará

DOMINGO, BELÉM-PA, 02/06/2019

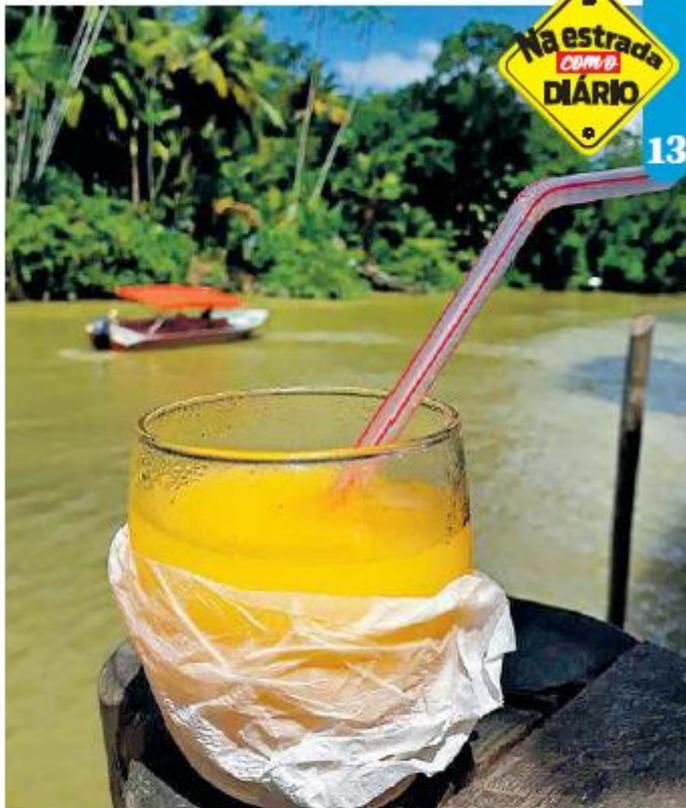
sorte encontra até "pica-pau". Há espaços onde a gigante samuraira (espécie típica da região) se apresenta de forma imponente na trilha. Vale também fotos abraçado a mãe. O Combu, de certa, revela um pouco do muito o que a Amazônia que precisa ser preservada.

Opções de restaurantes não faltam na ilha. Todo vão ter o peixe como "carro-chefe" no cardápio e os preços dos pratos variam de acordo com o que cada estabelecimento vai oferecer. O detalhe é que quanto mais estruturado o restaurante, mais caro será o preço. No geral, os restaurantes mais rústicos apresentam preços mais acessíveis. Um tambaqui médio, assado brasa, que pode servir entre quatro a cinco pessoas pode variar de R\$ 65 a R\$ 115, fora a alta temporada.

O seu Laércio é dono de um dos restaurantes na ilha. A receptividade dele faz toda a diferença no atendimento! É um ribeirinho nato, do tipo que chega a oferecer a própria casa para o turista tirar um descanso. Um bate-papo com ele, em dias de pouco movimento no estabelecimento, é obrigatório. Ele tem muitas histórias sobre o dia a dia dos ribeirinhos do Combu.

Na ilha, dificilmente você vai conhecer os donos dos restaurantes por nome e sobrenome. Todos se apresentam apenas pelo prenome, inclusive o Reginaldo, cujo restaurante já foi cenário para o programa "Tempero de família", apresentado pelo Rodrigo Hilbert, no canal GNT. O espaço tem piscina, bosque, loja de artesanato e rodízio.

Quem vai ao Combu se rende fácil a natureza do lugar. A atriz Samara Felippo que o digal Ela, ao mergulhar no rio, postou uma foto em seu perfil no Instagram. Mais! Proença e Fábio Assunção também já estiveram pela ilha



PAUL VASCONCELOS

e não deixaram de registrar o passeio. Assim como a cantora Duda Beat.

ARTERIBERINHA

De tanta beleza, o artista plástico Sebá Tapajós levou a sua arte urbana para a arquitetura ribeirinha. É de an-

teria dele os grafites que a gente vê nas pulqueiras na ilha do Combu. Um trabalho lindo de se apreciar e fazer fotos.

CULTIVODE CACAU

Nem só de peixe e ervas regionais se faz a gastronomia na ilha

do Combu. Lá também se cultivam cacau e dele se faz um dos mais saborosos chocolates da região. Quem for ao Combu, deve por obrigação conhecer a casa da dona Nena, onde se fabrica o chocolate da ilha.

**Na estrada
COMO B
DIÁRIO**

14



Praias que conquistam banhistas pela “barriga”

Essa é a fama de Outeiro, também conhecido como lugar de praias de “faroifeiros”, com todo o respeito, é claro...

GRANDE PRAIA

Ao se falar na Ilha de Caratana ou Distrito de Outeiro, em Belém, a primeira imagem que surge no imaginário do belenense é a das mais praias populares da capital. Outeiro carrega um rótulo da praia dos “faroifeiros” - uma expressão que muitas das vezes soa como pejorativa. A Praia Grande é o destino de pelo menos 35 mil pessoas por fim de semana, durante as férias de julho. No entanto, as áreas amarelas da ilha guardam um dos maiores espaços democráticos da região. De modo que quem frequenta a ilha tem apenas duas vontades: Se divertir e aproveitar um banho de praia de água doce.

Muitos nem imaginam, mas Outeiro pode conquistar o turista “pela barriga”. É de lá que vem a tradicional “chapa de mariscos” que atrai pessoas com o apaladar aguçado para conhecer o prato. A iguaria é servida em poucas barracas e vem composta de camarões, mexilhões, patas de caranguejo e peixe.

A praia Grande é considerada, pelos moradores da ilha, como um patrimônio. Nela acontece todos os grandes eventos, manifestações culturais e religiosas - o destaque para o festival de Iemanjá. Outeiro está entre os roteiros mais baratos de Belém. O acesso até às praias, inclusive, pode ser feito em ônibus urbanos, cujo o valor da passagem, atualmente, custa R\$ 3,60.

Diário do Pará

DOMINGO, BELÉM-PA, 09/06/2010

Onde fica

Região Metropolitana de Belém

Como chegar

De ônibus, a passagem custa R\$ 1,00, ou de carro, a ilha fica a 25 quilômetros do centro de Belém

Onde ficar?

Pouso de som de até R\$ 60 (casal)

O que fazer?

Dentre outras opções, tem o banho de praia e experimentos gastronômicos

ILHA DE OUTEIRO



19/06/2010 Outeiro PA/PA

**SOB AS BENÇÃOS
DE SALINAS**
Páginas 6 E 7

**ALTER DO CHÃO E
O CÉU É O LIMITE**
Página 4

FASCÍCULO
2

Diário do Pará

www.diarioonline.com.br / BELÉM-PA, DOMINGO, 10/06/2019



É HORA DE CURTIR E BADALAR

**Sol, praia e muito agito.
Abra nossas páginas
que as melhores dicas
do verão lhe esperam**

Cenários paradisíacos estão a poucas horas do centro da capital paraense. É só escolher e ir por chão, rio ou ar!

Patrocinio:



Você merece o novo.



Realização: **Diário do Pará**

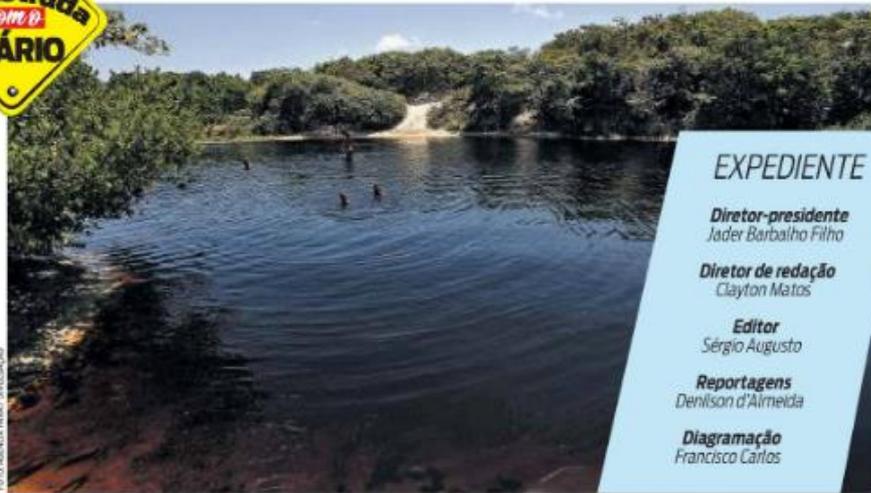


Foto: Roberto Neri / Contraste

EXPEDIENTE

Diretor-presidente
Jader Barbalho Filho

Diretor de redação
Clayton Matos

Editor
Sérgio Augusto

Reportagens
Denilson d'A Almeida

Diagramação
Francisco Carlos

A ordem é agitar todas, curtir e se divertir Na Estrada

HORA DE APROVEITAR

Para muitos não há dúvidas. Verão é agito, badalação e curtidão. É tempo de aproveitar o sol e desfilhar pelas praias mais bem frequentadas do Pará. As opções são muitas. Vão desde praias de mar e também de rio - e ainda tem aquelas que em determinadas épocas do ano tanto o mar quanto o rio influenciam no sabor do banho, digamos assim.

Nesse fascículo, o NA ESTRADA COM O DIÁRIO te leva pelo litoral parense - conhecido também como região do salgado, por ser banhado pelo oceano - e apresenta um roteiro pelas praias badaladas da alta temporada de verão. Em Salinópolis, as festas badaladas na beira da praia e os esportes radicais comandam o verão. O lugar é de gente bonita que busca diversão e contato com o sol e o mar.

Na terra do carimbó, Marapanim, o roteiro é pelas prai-

as de Crispim e Marudá que recebem milhares de turistas no mês de julho. O lugar é eclético, atende a todos os tipos de público.

A cidade histórica, Bragança, também conta com um roteiro badalado e de dia, a praia de Ajuruteua é a melhor pedida da região. A extensa faixa de areia branca e o mar proporcionam uma leveza na alma dos turistas.

O cenário paradisíaco de natureza exuberante que só o arquipélago do Marajó tem,

também é um dos maiores destinos de viagem pelo Pará. O destaque desta vez é a praia da Barra Velha, que guarda um banho refrescante e trilhas. Aves e outras espécies apenas melhoram o passeio com a presença encantadora deles.

Para quem vai ficar na Região Metropolitana de Belém, vale um passeio pela praia do Caripi, em Barcarena. O local é um dos mais agitados para quem busca natureza e festa num mesmo espaço.

No sudeste parense, vamos conhecer a praia do Tucunaré. Santarém, no oeste do Estado, tem o chamado "caribe amazônico". A vila e praia de Alter do Chão pode fechar com chave de ouro o verão. Embarque conosco. As estradas de chão, rio e ar aguardam a nossa aventura!



Quem resiste a um convite do “caribe amazônico”?

VILA DE PESCADORES

No oeste paraense, mais precisamente na cidade de Santarém, está localizada uma das praias mais bonitas do mundo: Alter do Chão, considerada o “caribe amazônico”.

Distante a cerca de 35 quilômetros de Santarém, Alter do Chão é na ver-

dade uma vila de pescadores que vira uma praia quando as águas do rio Tapajós começam a baixar, no período de seca. A melhor época para visitar o lugar é entre o final de julho e fevereiro. As águas doces, quentes garantem um mergulho relaxante.

A gastronomia da região também é muito forte e conquista os turistas pelo paladar pitoresco e singular.

No mês de setembro acontece a Festa do Sairé, e esse é o período em que a vila recebe a maior quantidade de visitantes.

ALTER DO CHÃO

Onde fica

A 35 quilômetros de Santarém

Como chegar

De carro pela PA-457, que liga Santarém a vila de Alter do Chão

O que fazer?

Trilhas ecológicas e experimentar a gastronomia.

FOTO: AGENCIA NARA / DIVULGACÃO



Praias deslumbrantes, dunas, igarapés... seu nome é Salinas

A distância que separa o badalado balneário de Belém é de 224 quilômetros. Mas os comes, bebes, atrações artísticas e outros atrativos o tornam inigualável

PONTA DO ATLÂNTICO

Salinópolis, no nordeste paraense, é um dos destinos mais procurados no verão. Distante a 224 quilômetros de Belém, a cidade cresce na ponta do oceano Atlântico que banha o Norte do Brasil. Essa localização, digamos que estratégica, deu ao lugar um cenário paradisíaco com dunas, áreas de mangue e igarapés que rendem ótimos passeios. As praias mais frequentadas nesta época são a do Farol Velho, Corvina, Maçarico e Atalaia – sendo esta última a mais popular de todas. Muitas delas apresentam

lagos naturais que se formam quando a maré baixa. Esta geografia, inclusive, contribui para que Salinas também seja um dos point favoritos para a prática de esportes radicais, como o kitesurf e rally.

No verão, o imenso céu azul que cobre as praias de Salinas fica colorido com as pipas (em inglês kite) dos atletas que velejam pelas águas que banham a região.

Nas praias do Farol Velho e Atalaia, quando a maré está baixa, a areia vira estacionamento e é esta “comodidade” que forma um dos principais atrativos do lugar. Já que o turista pode ficar com o veículo na faixa de areia e a poucos metros do mar.

Muitos optam, inclusive por armar tendas e mesas para o almoço ali mesmo. Ou então, são atendidos por funcionários dos bares e restaurantes na beira da praia. Peixe frito é a pedida em todos os estabelecimentos. Para quem vai curtir o verão em Salinas, o ideal é pesquisar a hospedagem com antecedência. Os hotéis e pousadas ficam lotados. As casas de veraneio, disponíveis para aluguel, também ficam com a capacidade toda reservada para a temporada.

Os shows, a noite, são uma atração à parte no verão. As atrações – algumas delas até internacionais, como Dj's – colocam a cidade no roteiro das maiores baladas do Brasil.

FOTO: NET MARCONDES



SALINAS

Onde fica

A 224 quilômetros de Belém

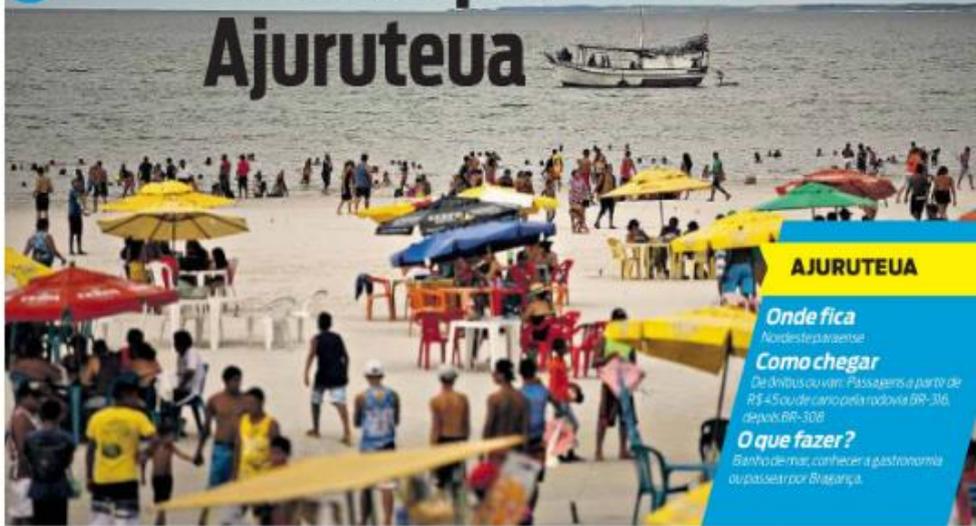
Como chegar

De ônibus ou van: Passagens a partir de R\$ 31 e ida/campana rodovia PA-04

O que fazer?

Banho de mar, praticar esportes radicais, curtir festas badaladas.

Beleza quer dizer Ajuruteua



AJURUTEUA

Onde fica

Nordeste do Pará

Como chegar

De ônibus ou van. Passagem a partir de R\$ 45 ou de carro pela rodovia BR-316, depois BR-308.

O que fazer?

Banhar-se no mar, conhecer a gastronomia ou passear por Bragança.

Milhares de turistas viajam até a praia, em julho, para desfrutar de suas areias, aconchego e cenário espetaculares

SALGADO

Cerca de 33 quilômetros depois de Bragança está a praia de Ajuruteua, uma das mais belas da costa paraense e que recebe milhares de turistas no mês de julho. Formada por uma gigantesca faixa de areia e banhada também

pelo oceano Atlântico, a viagem até lá revela um cenário de aventura que esalta as belezas naturais da região do salgado. A começar que a estrada que dá acesso corta o mangue. Lagos naturais se formam em meio a vegetação rasteira em determinado trecho. Os contrastes de cores ficam mais forte quando os guarás decidem dar as

boas vindas a quem está chegando e ficam na mata próxima a rodovia.

É comum, também, os motoristas dividirem a pista com catadores de catinguejo carregando os crustáceos que vão abastecer os restaurantes e a feira. Ajuruteua, apesar da programação com shows durante a noite, acaba acolhendo os turistas que estão passando as férias na cidade de Bragança. Por falar em shows, no que se refere a "festas", a praia é muito eclética. Os bares tocam do tradicional brega paraense ao ritmo que estiver comandando as preferências nacionais.

Recentemente, a praia também entrou para o roteiro do turismo de aventura, graças a prática de esportes radicais. Ao contrário do que ocorre em Salinópolis, em Ajuruteua não é permitida a entrada de veículos na faixa de areia.

Os hotéis e pousadas – a maioria deles no estilo palafita – costumam lotar durante o verão e as diárias são com preços bem populares. Para quem não tem carro próprio o acesso à praia de Ajuruteua pode ser feito por ônibus que o veranista pega no centro de Bragança. A partida é a praia da Bandeira.



O lugar ideal para fugir da rotina e ser Algodóal

A tradução literal é "mãe da terra", mas de tão especial a ilha acolhe a tudo e a todos com amor

REFÚGIO

Para quem já conhece a ilha sabe que lá é o verdadeiro paraíso. Um refúgio para recarregar as energias e se libertar da rotina conturbada das grandes cidades. Quem vai pela primeira vez, logo planeja voltar novamente. O nome da ilha, na verdade, é Maiandeuá (que quer dizer "mãe da terra"), mas ficou conhecida por Algodóal devido a grande presença de uma plan-

ta nativa conhecida como Algodão de seda, é guardiã de uma fauna e flora genuinamente amazônica, ao mesmo tempo brasileira. Esse paraíso fica distante a pouco mais de 165 km de Belém.

É um lugar frequentado principalmente por quem gosta de usufruir da sensação de liberdade e pouco se preocupa em se exibir para os demais. Motivados unicamente pelo desejo de curtição, em Algodóal não importa o que você está vestindo, usando ou tem. Os pés caminham pela areia e descalços.

A ilha de Algodóal tem 19 km² e uma natureza generosa, inclusive formada também por manguesais. Quatro vilas compõem a Ilha - Algodóal, Fortalezinha, Cambóinha e Mocooca. Estas são separadas, em alguns pontos, por canais de maré. A população local é bastante receptiva.

Os nativos vivem da pesca e da agricultura de subsistência.

Para chegar em Algodóal a trajetória mais comum é pela Rodovia PA-127, que liga o município de Castanhal a Praia de Marudá (pertencente a cidade de Marapanim), de lá, por apenas 8 reais, você atravessa de barco para Maiandeuá. A viagem de barco dura menos de uma hora e durante todo o percurso você se delicia com a paisagem. Se tiver sorte, consegue observar alguns botos na travessia.

Ao chegar na ilha, a caminhada até o centro da vila é de 2 quilômetros - alguns fazem o percurso em charretes, único meio de transporte na ilha. O trajeto já começa na beira da praia, tendo Marudá no horizonte.

Algodóal apresenta uma estrutura predominantemente rústica, possui hotéis, pousadas e kitsnets

ALGODOAL

Onde fica

A 165 quilômetros de Belém

Como chegar

De ônibus ou van até Marudá. Passagem a partir de R\$ 15 ou de táxi pela rodovia BR-316, depois PA-126.

O que fazer?

Filhas, banho de mar ou festas na beira da praia.

para aluguel por temporada. Porém, os campings (terrenos onde os turistas arman barracas/acampamentos) são os mais procurados pelos veranistas.

Soure, no arquipélago do Marajó: QUE LUGAR!



13

Passear, comer, descansar, contemplar. Quatro verbos conjugados no idioma de Soure

LUGAR LINDO

Se tem um lugar no mundo que todo mundo jamais vai cansar de dizer que é lindo, esse lugar se chama Arquipélago do Marajó, que cada viagem por ele revela um paraíso que encanta, surpreende e fascina. Quem conhece a praia da Barra Velha, em Soure, por exemplo, certamente vai dizer duas palavras em tom de grande admiração: QUE LUGAR!

A geografia da praia é bem parecida com a praia do Goiabal, que fica na área da fazenda São Jerônimo. A semelhança se deve ser pela proximidade e pelo ecossistema em que as duas estão inseridas. A vegetação na praia é bem típica de área de mangue, com árvores de raízes altas - e as vezes em pontos isolados da areia. Isto dá um toque exótico na paisagem.

O número de restaurantes ao longo da faixa de areia pode ser considerado pouco, mas suficiente para garantir um delicioso almoço a preços bem em conta. O passeio até a praia da Barra Velha, em Soure, pode começar por Salvaterra - cidade vizinha. Isto porque na praça central de Sal-



vaterra partem "popopô" (pequenos barcos) para Soure. O valor da travessia custa R\$ 4. Na balsa que faz a travessia entre as cidades pedestre não paga passagens, porém o porto da balsa fica um pouco distante do centro da cidade - logo é preciso ir de micro-ônibus ou mototaxi.

Pequenas rabetas também fazem a travessia do porto da balsa, a passagem custa entre R\$ 3 a 4. Para quem chega ou está em Soure, o acesso até a praia da Barra Velha começa com van, mototaxi ou taxi. É possível ir andando, a caminhada será longa, mas o turista vai cruzar toda a cidade e conhecer algumas peculiaridades e costumes locais.

O acesso à praia corta uma fazenda e logo no portão uma placa in-

forma que não é permitido fazer fotos e vídeos da área da propriedade. Você sabe que chegou a praia quando a vista um portal, informando o nome da praia da Barra Velha. Naquele ponto você pode escolher se segue direto para uma parte da praia (areia) ou se segue um caminho de trilha pelo mangue (por uma ponte). Quem optar pela trilha, vai chegar em uma área mais reservada da praia e, acredite, onde o restaurante oferece wi-fi (sinal de internet).

O valor dos pratos nos restaurantes custam a partir de R\$ 25 (PF) e R\$ 45 (refeição para duas pessoas). O suco de frutas entre R\$ 5 a R\$ 8 e refrigerantes a partir R\$ 4,50 (latinha). O caranguejo toc-toc, em alguns estabelecimentos, custa R\$ 7

a unidade e são acompanhados de vinagrete e farofa. A casquinha de caranguejo, R\$ 10.

Soure

Onde fica

Arquipélago do Marajó

Como chegar

Devaner e lanchas que partem do porto de Itaipava. Passagem a partir de R\$ 25

O que fazer?

Trilha, banho de praia, praticar esportes, experimentar a gastronomia.



DOLORES REIS/AGF

BARCARENA

Onde fica

Fazenda piscícola

Como chegar

Distância a landeas que estão do posto de Belém. Passagem a partir do 95. O local também oferece atendimento para ônibus até o ponto do Açúcar.

O que fazer?

Barco de pesca de rio ou simplesmente a gastronomia.

Barcarena e suas praias de água doce...

Caripi, Itupanema, Carnapijó, Vila do Conde. A escolha fica a gosto do visitante. E também de sua capacidade de se encantar com as belezas naturais do lugar

POTENCIAL

Nem só das atividades de mineração vive Barcarena, no nordeste do Pará. A cidade apresenta um potencial enorme para o turismo e durante o verão as praias do município recebem um grande número de visitantes. A cidade fica distante a 90 quilômetros da capital paraense. Atualmente o principal acesso até Barcarena é por rio (devido ao acesso de carro pela Alça Viária estar comprometido com

a acidente na ponte sobre o rio Moju). A viagem por barca para Barcarena apresenta ao turista a paisagem riberinha das ilhas no entorno de Belém.

As praias de Barcarena são formadas por água doce e extensas faixas de areia de coloração amarelada. No geral, são bem arborizadas, algumas como a praia do Carnapijó conta algumas espécies frutíferas.

Algumas praias apresentam ainda rochedos, fazendo um contraste interessante na paisagem. No entanto, não há dúvidas de

que a praia do Caripi é a mais badalada durante as férias. O roteiro é para quem gosta de praia e festas dia e noite. Possui uma extensão de 3 quilômetros de areia às margens da baía de Marajó. É uma das praias com melhor infraestrutura, onde tem ainda um trapiche para receber os barcos que fazem passeios pela região. Um dos espaços mais visitados é a casa na árvore em um hotel que fica na beira da praia.

Quem visita a praia do Caripi ouve da população nativa a frase: "maré enche, maré seca. E quan-

do isso acontece leva tudo o que não se deve ficar para a gente". Que é uma resposta dada geralmente a quem pergunta sobre as tragédias ambientais que acontecem na região.

Outras praias de Barcarena:

PRAIA DE ITUPANEMA - Localizada na vila de pescadores de Itupanema, o acesso pode ser feito tanto de barco quanto pela rodovia. Quem vai de barco, percorre furos e igarapés. A praia é formada por areia amarelada e rochedos.

PRAIA DO CARNAPIJÓ - A praia fica na Vila do Carnapijó, distante a 34 quilômetros da Barcarena. A paisagem é composta de pedras e argila, além de árvores frutíferas. A praia é banhada pela baía de Marajó e fica de frente para a Ilha das Onças. Na vila um monumento dedicado a Nossa Senhora do Tempo é um grande atrativo no lugar.

VILA DO CONDE - Localizada na Vila do Conde, é banhada pela baía do Marajó. Ao longo da praia funcionam diversas barracas e restaurantes que vendem peixe e comidas típicas.

UM "GARIMPO"
PARADISIACO

Página 4

O "MEU XODÓ"
FICA EM BELÉM

Página 8

FASCÍCULO
3

Diário do Pará

www.diarioonline.com.br / BELÉM-PA, DOMINGO, 23/06/2019



AS PISCINAS NATURAIS DO PARÁ

Siga-nos nessa
refrescante aventura
entre águas calmas,
geladinhos e acolhedoras

O estado não é famoso apenas por suas
praias e rios deslumbrantes. Nessa edição,
mergulhe em lugares pouco conhecidos,
mas cuidado para não ficar sem fôlego...

Patrocínio:



Você merece o novo.



Realização:

Diário do Pará

Na estrada
COM O
DIÁRIO

2

Siga-nos e descubra os olhos onde nascem as águas

FOTO: DENILSON FALCÃO

EXUBERÂNCIA

Olhos d'água e fontes de água mineral aos poucos começam a entrar para os roteiros de Turismo no Pará. Neste terceiro fascículo da série NA ESTRADA COM O DIÁRIO, te apresentamos um roteiro iluminado pelo brilho cristalino de piscinas naturais que aparentemente estão escondidas por alguns municípios paraenses. Verdadeiros lagos naturais que revelam a exuberância da natureza que precisa ser preservada nos quatro cantos do Estado e que rendem uma experiência mágica e relaxante - ou seria refrescante em meio ao calor

de verão? Sem dúvidas, uma viagem inesquecível.

Em Itaipé-Açu, cidade cortada pela rota turística Belém-Bragança (que lembra a antiga estrada ferro que ligava a capital paraense à cidade de Bragança), a parada será no balneário Lago Azul. Uma pequena piscina natural que distante a cerca de 8 Km do centro da cidade.

Também vamos até a cidade de Tuiandá, no nordeste paraense, onde dois balneários formados por olhos d'água oferecem um contato surpreendente com a natureza. Em um deles, o clube Fachetti, uma estrutura já foi montada para dar mais comodidade aos banhistas. O lago

foi deu lugar a duas piscinas de água natural e mais um pequeno espaço para a girotaá mergulhar em águas geladíssimas.

No Marajó, um verdadeiro oásis se forma numa propriedade privada no município de Salvaterra. Uma nascente forma uma piscina natural que encanta o turista. O cenário é de um Marajó que quase ninguém conhece, às vezes, nem mesmo o povo marajoara.

Colares, Santa Bárbara do Pará (na Região Metropolitana de Belém) e Parauapebas também fazem parte do nosso roteiro. Prepare a mochila e embarque conosco.

EXPEDIENTE

Diretor-presidente
Jader Barbalho Filho

Diretor de redação
Clayton Matos

Editor
Sérgio Augusto

Reportagens
Denilson d'Almeida

Diagramação
Francisco Carlos



RIQUEZAS

Paraapebas, no sudeste paraense, acaba de completar 31 anos de emancipação política. Cidade onde o minério de ferro está em abundância, uma segunda riqueza dá cor, sensações e magia a este município rico em belezas naturais. A cidade oferece um variado roteiro turístico, com cachoeiras, trilhas, balneários e fazendas que atraem turistas do Brasil e do mundo.

A 'rota das águas' representa um mergulho para quem gosta de contemplar lagos e balneários pouco conhecidos na região. A comercialização das gemas e jóias extraídas

Que tal um mergulho na "rota das águas"?

Cachoeiras, trilhas, fazendas e balneários são as opções em Paraupenas. Relax total!

por uma das maiores jazidas de pedras ametistas do Brasil e a piscina e cachoeira de águas termais, terapêuticas e medicinais, tornaram o Garimpo das Pedras o atrativo destaque da rota.

Distante a 60 quilômetros do centro de Paraupenas, o Garimpo das Pedras foi descoberto há cerca de 30 anos por garimpeiros da região. Conhecido pelas águas cristalinas, em tom esverdeado, o lugar é destino ideal para quem busca aconchego e maior contato com a natureza.

Uma piscina de águas quen-

tes, cuja temperatura passa dos 38 graus, é considerada medicinal por dezenas de visitantes. O acesso ao Garimpo das Pedras é por estrada de chão, seguindo pela Vila Paulo Fonteles, zona rural do município. O trajeto é feito em pouco mais de uma hora. Algumas placas sinalizam a estrada.

Estrutura da cidade para receber turistas Após visita técnica da Secretaria de Estado de Turismo do Pará (Setur), foi comprovado que a rede hoteleira de Paraupenas é uma das melhores do estado, o que comprova que o município

GARIMPO DAS PEDRAS

Onde fica

Sudeste paraense

Como chegar

De carro, seguindo pela Vila Paulo

Fonteles, na zona rural

O que fazer?

Desfrutar das águas termais da piscina natural.

está preparado para oferecer ótimas acomodações aos turistas nacionais e internacionais. A cidade também possui ótimos restaurantes para quem gosta de apreciar a boa culinária regional paraense como o açaí, cupuaçu, tacacá e vatapá e cerveja artesanal.



FOTO: DIVULGAÇÃO



Praias selvagens e paraísos verdes. Essa é Colares

Famoso por seu misticismo, o município é ainda um point imperdível para quem busca uma boa praia para recarregar as baterias

MÍSTICO

Nem só de mistérios ufológicos vive Colares, no nordeste paraense. Cercado de rios que formam belas praias - algumas delas ainda desertas, dignos assim - o interior do município guarda verdadeiros paraísos verdes. Um lago verde - de água natural - na zona rural do município rende um mergulho refrescante para quem pre-

tende fugir dos transtornos urbanos.

O balneário da Rayane é desconhecido até por muitos moradores da ilha, talvez pela distância do centro da cidade e da aparente dificuldade de acesso ao local.

Este paraíso rende fotos lindas e os melhores "cliques" são feitos quando não há nuvem no céu e o sol ilumina a piscina. O tom verde das águas forma um espetáculo de cor. No lago há partes rasas e outras profundas - uma pedrinha que requer cuidado para quem

BALNEÁRIO DA RAYANE

Onde fica
Nordeste paraense

Como chegar
De carro, pela via Rodovia D

O que fazer?
Se refrescar na piscina natural.



não sabe nadar. Ito porque o fato de se enxergar nitidamente a areia no fundo dá a impressão de que é tudo raso.

A entrada não é gratuita, e fora da alta temporada o ingresso custa R\$ 3. Não é permitido entrar com bebidas e alimentos. No espaço funciona o restaurante que vende um peixe frito delicioso.

O balneário fica na Rua Rodoviária 0, na Vila do Caba, comunidade Eszendinghã. Para quem não conhece a cidade, é importante se informar

bastante sobre essa estrada que pode parecer um "labirinto" para quem vai pela primeira vez.

COLARES

Colares, que é ilha e município, guarda uma das maiores histórias sobre ufologia do mundo. Foi lá que a Aeronáutica realizou a maior intervenção militar já realizada no Brasil para investigar o aparecimento de objetos voadores não identificados. A chamada Operação Prato.

Em 1977 corpos luminosos sobrevoaram os céus da região e atacavam os moradores com uma luz que lhes enfraquecia e fazia com que as vítimas desmaiassem. É como se o sangue delas tivesse sido chupado - daí o fenômeno ficou conhecido por "chupa-chupa".

Para os ufólogos, não há dúvidas de que Colares foi visitada por seres extraterrestres. Muitos ainda acreditam que estes seres estejam entre nós - e também na cida-

de, que apenas recente despertou para o turismo ufológico. Estátuas de ET's estão espalhadas pela cidade e ajudam a preservar o imaginário do "chupa-chupa"

DICA CULTURAL

Ah! Por favor, visitar a livraria do Agildo Monteiro é uma parada obrigatória, em Colares! A livraria fica na Orla, em frente a estátua/monumento do Bom Jesus dos Navegantes.



FOTO: LEONARDO BUELL

**Na estrada
COMO O
DIÁRIO**

8

Diário do Pará
DOMINGO 19 DE JULHO DE 2011

O “xodó” que poucos conhecem e fica na Grande Belém

Balneário localizado em Santa Bárbara do Pará é nada menos que um lago natural dividido em três piscinas de águas cristalinas e refrescantes

ESPECIAL

Não se deve dizer, jamais, que determinados lugares, por mais rústicos e distantes que possam parecer, são “o fim do mundo”. Também se deve comentar “não tem nada lá”. No município de Santa

Bárbara do Pará, o balneário “Meu xodó”, uma piscina de água natural é um paraíso dentro da Região Metropolitana de Belém e que poucas pessoas conhecem!

O balneário é, na verdade, um grande lago natural, cujos proprietários dividiram em três grandes piscinas de águas cristalinas e refrescantes. As divisões destas piscinas são por

pontes (caminhos) de madeira na altura da superfície da água que nos deixam com a sensação de caminhar por cima do paraíso. Uma dica bacana de passeio que dá para fazer em um dia, inclusive.

Um restaurante no balneário oferece uma culinária regional e simples. O carro-chefe do cardápio, por exemplo, é açaí com peixe-frito. O

lago fica na altura do Km 12 do ramal (ou estrada) do Genipauá, na rodovia PA-391 (estrada de acesso a Mosqueiro). O trevo desse ramal fica logo após a comunidade do Pua D’Arco e é uma via bem pavimentada, sinalizada e de trânsito tranquilo. A entrada não é gratuita. Fora da alta temporada, o bilhete custa R\$ 2 por pessoa.

“MEU XODÓ”

Onde fica
Neste paraíso

Como chegar

De cam. pela estrada do Genipauá. O balneário fica na altura do Km 12. KK

O que fazer?

Se refresca na piscina natural.

Salvaterra: habitat das belezas naturais

Águas esverdeadas, geladinhos e aquela calmaria famosa das terras marajoaras são apenas alguns dos predicados do município

PARAÍSO

Piscinas naturais de água cristalina, esverdeada e bem geladinha. Paraísos pouco conhecidos na cidade de Salvaterra, no arquipélago do Marajó, confirmam a beleza da região e o muito que a natureza nos revela e proporciona. Uma boa dica para estas férias, sem dúvidas, é conhecer o balneário José Craveiro, um lago que fica numa propriedade particular e não é aberto ao público - sendo necessário, portanto, a autorização dos proprietários para entrar.

A piscina natural está localizada no bairro Nova Colônia e o acesso é por uma trilha, que em alguns trechos é cercada por vegetação nativa. Não é difícil chegar até lá. Na cerca de arame farpado placas informam que se trata de uma área particular. A princípio a gente tem a impressão de que pode ser de uma fazenda, mas não há naquele trecho percorrido algum indicativo de trabalhos de agricultura e pecuária.

No geral, a maioria das pessoas que vão ao José Craveiro segue de bicicleta ou motocicleta. O balneário geralmente é alugado para a realização de eventos (almoços, confraternizações, aniversários).

Há uma estrutura rústica de barracas cobertas de palha, com mesas para um grande banquete. Um mirante foi construído numa das margens do igarapé e a aventura fica



Foto: Diário do Pará

Diário do Pará

DOMINGO, BELÉM-PA, 23/05/2019

mais completa com dois balanços sobre o igarapé. As cordas estão amarradas no galho de uma árvore.

No segundo semestre, quando acontece o período de estiagem (poucas chuvas) na região, o igarapé tende a secar. Portanto, quem quer conhecer o lugar tem que se apressar ou aguardar o próximo período de chuvas.

SALVATERRA

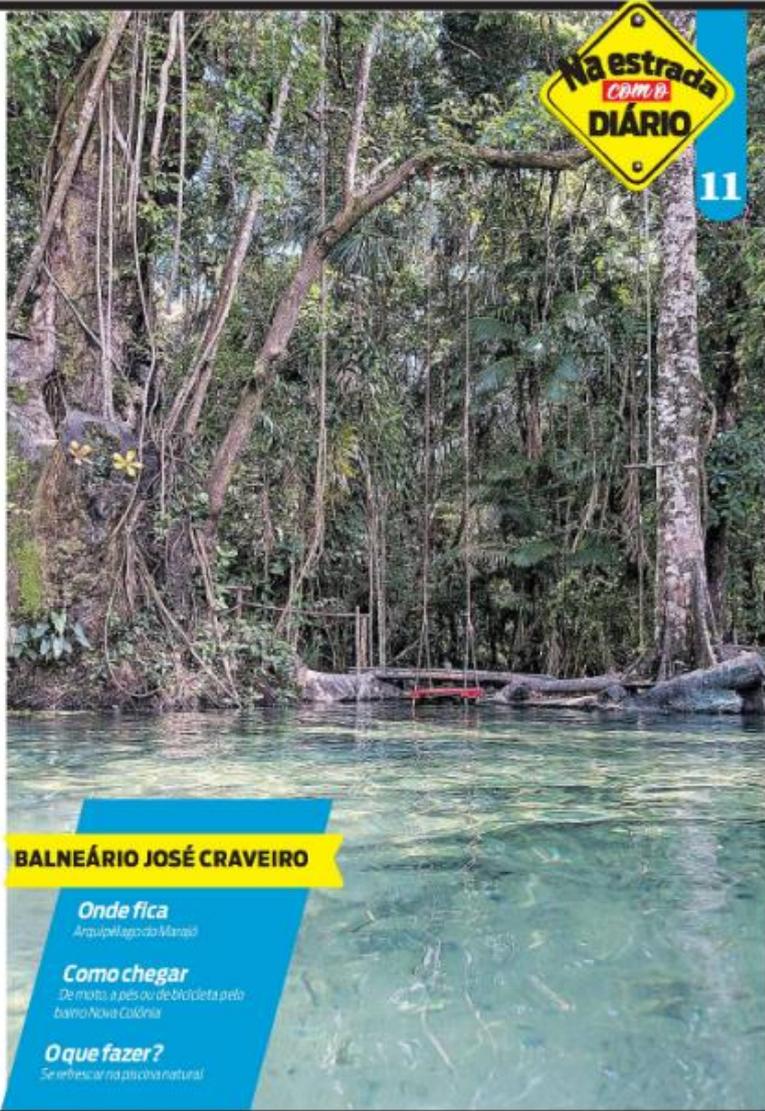
A cidade nos encanta. Lugar bonito, calmo e de paisagens exuberantes. Em relação a seus habitantes nos chama a atenção a forma com que tratam tudo como se fosse perto. De fato, é, mas para quem vai pela primeira vez pode achar que tudo é distante. É um povo hospitaleiro, sempre atenciosos. Igarapés de águas cristalinas e praias são os principais atrativos de Salvaterra, no arquipélago do Marajó. Conhecida carinhosamente como a "Princesinha do Marajó", não é difícil compreender o porquê de a cidade carregar esse título, em meio tantas opções de lazer e formas de contato com a natureza. Manifestações artísticas e culturais também ocorrem toda sexta-feira na orla da cidade, com a apresentação de grupos de carimbó.

Uma coisa interessante de Salvaterra é o fato da cidade ser cercada por vilarejos onde estão localizados os igarapés mais bonitos da região, formados por olhos d'água e água cristalina de cor esverdeada.

Uma boa sugestão para quem vai à cidade é fazer amizade com a população local e alugar bicicletas (quando não conseguir emprestada) e seguir até estes vilarejos e igarapés. O passeio se torna uma trilha de aventura e contato com a natureza. Nas vilas mais próximas da cidade, essas trilhas podem ser feitas a pé, levando de 40 a 50 minutos de caminhada pela floresta, encerrando num refrescante mergulho nos balneários.



11



BALNEÁRIO JOSÉ CRAVEIRO

Onde fica

Arquipélago do Marajó

Como chegar

De moto, a pé ou de Várzea pelo bairró Nova Colônia

O que fazer?

Se refrescar na piscina natural

Carro, moto ou bicicleta? Em Tailândia, a aventura é garantida

Diário do Pará
DOMINGO, 23/06/2019, 23:06/2019



Os melhores balneários e igarapés estão em ramais de piçarra. É um cenário que se aproxima do radical para quem busca o surpreendente e o exótico

QUENTE E SECO

Distante pouco mais de 240 quilômetros da capital paraense - e com a sede do município cortada pela rodovia PA-150 (Alça Viária) - Tailândia, no nordeste paraense, conta com um clima quente e seco. Quem passa pela cidade, seguindo apenas pela estrada, vai olhar um lado e outro e terá

a sensação de que ali seria apenas um lugar de passagem. Como se não tivesse nenhum atrativo natural para o turismo. Engana-se! Os melhores balneários e igarapés não estão necessariamente às margens da rodovia ou no centro da cidade, e sim em ramais de piçarra que se tornam um cenário quase que radical para quem busca um paraíso perfeito.

A aventura surpreende e revela algumas maravilhas que podem ser co-

BALNEÁRIOS FACHETTI E PARQUE VERDE

Onde fica

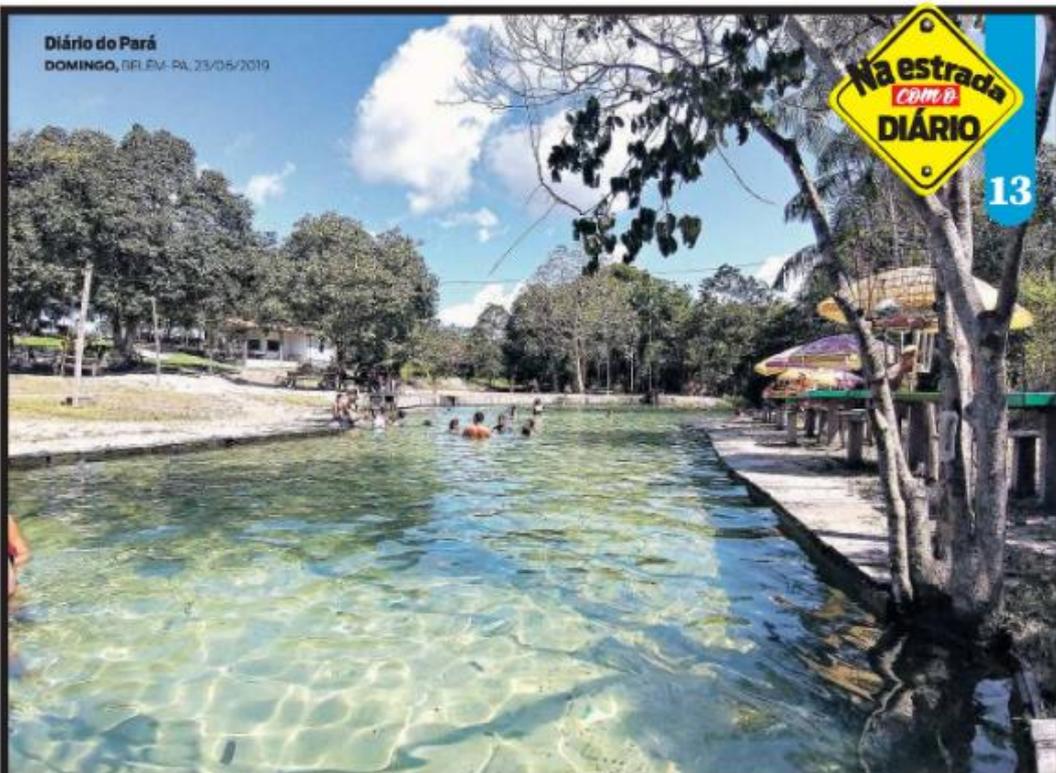
Nordeste paraense

Como chegar

De moto, carro ou bicicleta pela rodovia PA-150, o acesso é por ramais

O que fazer?

Se refrescar na piscina natural



nhecidas indo de bicicleta, motocicleta e carro. No tempo de chuvas, os raios que levam aos balneários Clube Fachetti e Parque Verde lembram bastante uma pista de rally. Quem não tiver segurança ao volante vai ficar atolado.

Radicalismo à parte, os dois balneários são piscinas naturais formadas a partir de olhos d'água e cacimbas. Com estruturas distintas, os dois ambientes definem em um conceito de oásis "escondidos" em Tailândia.

O Clube Recreativo Fachetti fica

distante a cerca de 15 minutos do centro da cidade. Seguindo pela PA-140, no sentido em direção a Marabá, o acesso ao balneário é por um ramal. Da rodovia até o clube, são cerca de 800 metros de estrada de piçarra. O espaço fica numa propriedade privada e a entrada é paga. Há vagas para estacionamento, inclusive.

O Fachetti é um lago natural em que o proprietário da terra construiu duas piscinas e um pequeno "córrego". O seixo contrasta com o espelho

d'água verde e cristalino, transmitindo uma beleza particular. É impossível resistir a um mergulho.

Já o balneário Parque Verde, ele mantém a estrutura rústica de um igarapé, mas de águas também verde e cristalinas. O espaço fica na estrada vicinal, cujo acesso também é pela rodovia PA-150, no sentido Marabá. Ao contrário do Fachetti, o Parque Verde não é tão próximo da área urbana. Da rodovia até o balneário são cerca de 8 Km de estrada de terra.

A lama durante a chuva torna a Vicinal perigosa para tráfego de veículos, mas a aventura vale a pena. No trajeto algumas fazendas garantem a beleza da paisagem.

No Parque Verde não é permitida a entrada de bebidas, mas o visitante pode levar comida. O espaço oferece churrasqueiras. Na beira do lago (piscina natural) pontes de madeira garantem mais conforto aos banhistas.



As encantarias de um igarapé que se chama Açu

A cidade dista apenas 100 quilômetros de Belém, mas o que se encontra de belo, ali, é de desafiar dicionários

ROTA TURÍSTICA

Localizado na rota turística Belém-Bragança (rodevia PA-320), Igarapé-Açu fica a aproximadamente 100 quilômetros da capital paraense. Além de uma história que envolve colônias e a antiga estrada de ferro Belém-Bragança, a cidade também é guardiã de diversos paraísos escondi-

dos pela floresta que cerca o município. Um deles, o balneário Lagoa Azul, é formado por olhos d'água que formam uma piscina natural que encanta quem visita o lugar.

O lago de águas claras, transparentes e esverdeadas, fica a 13 quilômetros da sede do município e o acesso se dá por uma estrada de terra batida. O ramal fica no lado direito de quem segue no sentido

de Igarapé-Açu à Timboteua, pela PA-320. A entrada lembra um sítio – de fato, o terreno não deixa de ser um sítio – e a entrada é cobrada (aos domingos custa 5 reais).

Vista do alto, a piscina natural parece até um desenho – uma película – na paisagem formada por árvores frutíferas e vegetação densa. Um restaurante com comidas caseiras funciona no balneário.

LAGOA AZUL

Onde fica

Nordeste paraense

Como chegar

De moto, carro ou bicicleta pela rodovia PA-320, entra num ramal

O que fazer?

Se refresca na piscina natural

**CAPANEMA TEM A
SUA LAGOA AZUL**
Página 4

**FAZENDAS, RIOS E
RABETAS: MUANA**
Páginas 10 E 11

FASCÍCULO
4

Diário do Pará

www.diarioonline.com.br / BELÉM-PA, DOMINGO, 30/09/2019



O CORAÇÃO DA AVENTURA

**Nessa edição, siga-nos e
desfrute a exuberância
que só o Pará tem**

Venha desprovido dos hábitos urbanos e traga na bagagem a vontade e o entusiasmo de conhecer – e viver – os costumes ditados pela natureza.

Patrocinio:



Você merece o novo.



Realização:

Diário do Pará



Diário do Pará
DOMINGO, BELEM, PA, 30/06/2019

ESTIVAL/REPORTAGEM

EXPEDIENTE

Diretor-presidente
Jader Barbalho Filho

Diretor de redação
Clayton Matos

Editor
Sérgio Augusto

Reportagens
Denilson d'Almeida

Diagramação
Francisco Carlos

Tá na hora de relaxar em Muaná, Capanema, Abaetetuba...

EXUBERÂNCIA

O quarto fascículo da série NA ESTRADA COM O DIÁRIO é destinado aos veranistas que não abrem mão de curtir uma aventura em meio a natureza exuberante que o Pará possui. A maior parte do roteiro apresentado nesse caderno pode - e deve - ser feito de bicicleta, por meio de trilhas, estradas e

ramais que levam a verdadeiros paraísos e sítios arqueológicos.

Como matéria central, temos um pouco do muito que Muaná, no arquipélago do Marajó, tem a oferecer dentro de uma perspectiva de turismo ecológico, histórico e de aventura.

O ideal é que quem for seguir o roteiro vá desprovido dos hábitos e costumes dos grandes centros urbanos e leve na bagagem a vontade e o entusiasmo de conhecer - e vi-

ver - os costumes e hábitos do homem marajoara, sua relação com os rios e sua ancestralidade.

Muaná como uma aventura não, talvez, por suas pseudo dificuldades de acesso, e sim pelo mergulho cultural que a cidade oferece ao turista. Um lugar ainda pouco conhecido, pouco divulgado, pouco explorado de forma sustentável.

A equipe do NA ESTRADA COM O DIÁRIO vai pedalar junto com você, leitor, por Abaetetuba -

a capital do Miriri - e também por Capanema, lugar onde uma simples trilha pode levar a uma piscina natural escondida às margens da BR-308.

Vamos mais longe. Vamos até a divisa do Pará com Tocantins e conhecer Conceição do Araguaia, lugar de praias lindas e sítios arqueológicos descobertos há menos de duas décadas.

Calibre o pneu da bicicleta. Coloque o suporte no carro e vamos pegar a estrada rumo a lugares onde a aventura e sede por conhecimento cultural formam o combustível para umas férias inesquecíveis.

A trilha-paraiso Capanema

O contato com a natureza é nada menos que o dosador de adrenalina

COMEÇA A AVENTURA

Capanema, no nordeste paraense, tem na procissão de Corpus Christi o seu maior atrativo para o turismo. O evento, inclusive, faz parte do calendário de eventos culturais do Ministério do Turismo. No entanto, essa pacata cidade distante a cerca de 150 quilômetros da capital Belém, tem se mostrado um centro de práticas de esportes de aventura que tem no contato com a natureza o dosador de adrenalina para quem pedala, cavalga e se aventura de motocicleta pelos ramais próximos da cidade.

Uma das trilhas feitas, principalmente por ciclistas, leva até o balneário "Lagoa Azul", que fica num ramal na altura do KM 157, da rodovia BR-308, que corta o município. O roteiro atrai grupo de ciclistas (pedaleiros) de cidades próximas, tais como Capitão Poço e Ourém.

De carro, partindo do centro de Capanema, o percurso demora cerca de 15 minutos. De bicicleta pode levar até uma hora. O percurso começa na rodovia BR-308, no sentido em direção a Bragança. Parte da estrada compõe a rota turística "Belém-Bragança".

Na altura do Km 157, está a ponta do ramal que leva até o balneário. Uma placa sinaliza o trajeto. A partir daí o percurso é de terra batida,



YURI VALENTINI/2019

começando uma aventura que tem a mata de um lado e um terreno de fazenda do outro. A entrada no balneário, fora da temporada, custa R\$ 3 por pessoas. Do ponto de entrada até a piscina natural são mais alguns metros de adrenalina para quem está pedalando.

A trilha encerra com um banho refrescante nas águas geladas e esverdeadas da piscina natural. Após o mergulho, algumas trilhas curtas podem ser feitas pela mata ao redor, mas só para conhecer um pouco das espécies botânicas da região.

CAPANEMA

Onde fica

Nordeste paraense

Como chegar

De carro pela BR-308 em direção a Bragança, partindo de Teresopolis Rodoviária de Belém

O que fazer?

Trilhas, cavalgadas e banho na piscina natural.



História para mais de um milhão de anos é no Araguaia

CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA

Não bastasse as águas e areias de Conceição do Araguaia, o município ainda conta com fantásticas trilhas de sítios arqueológicos

TURISMO

Se tem um município paraense que se apresenta de maneira para o turismo de aventura é Conceição do Araguaia, no sudeste do Estado, já na divisa com o Tocantins. A cidade é conhecida pelas praias que se formam durante a seca do rio Araguaia - que ocorre entre os meses de junho a setembro, quando o volume de chuvas sobre a região dimi-

ni. As praias se formam em pequenos buracos de areia que formam ilhas no rio. Verdadeiros paraísos de água doce que atraem turistas de várias partes do mundo. A viagem a esses paraísos é feita por meio de embarcações pequenas, do tipo rabetas e voadoras. Não há bares e meios de hospedagem e os turistas precisam levar barracas e acampar. As praias mais conhecidas são a da Alta, das Gaióvotas e a Praia Verde.

Conceição do Araguaia também apresenta outros roteiros de aven-

Onde fica

Sudeste paraense

Como chegar

De carro, ônibus ou avião

O que fazer?

Camping na praia, trilhas de bike ou passeios por sítios arqueológicos

tura para quem mora ou está de visita. Um deles é o sítio arqueológico Lajedo do Cadena, descoberto recentemente - na verdade,

Foto: Paulo Delgado



registrado em 2000 - e que tem mais um milhão de anos. O local fica distante a cerca de 30 quilômetros do centro da cidade e é fortemente caracterizado pelas gravuras rupestres nas rochas e solos.

Os sítios possuem cavernas, grutas e pegadas no chão rochoso. Tudo tem revolucionado os

estudos pré-históricos e históricos no Pará. Outros sítios arqueológicos são os Lajedos da Cruz e o Pedra Ferrada.

O detalhe sobre conhecer Conceição do Araguaia é que, com exceção das praias, é possível ir a todos os igarapés e sítios arqueológicos de bicicleta (bike), por meio de

trilhas regradas a adrenulina e contato com uma natureza diferente. Quem não sabe pedalar também faz a trilha caminhando.

Ao redor da cidade existem muitas serras que podem ser escaladas e a vista do topo é algo indescritível e compensa todo o suor deixado para trás.

Na estrada
COM O
DIÁRIO

8

FOTO: DENALDO DE LIMA



Uma aventura regada a pedaladas e adrenalina

Abaetetuba não é apenas a “capital do miriti”. Lá há pelo menos 11 trilhas que podem ser exploradas em qualquer época do ano

ROTEIRO RADICAL

A capital do miriti, Abaetetuba, na região nordeste paraense, também apresenta um roteiro radical para quem gosta de pedalar. Apesar de não existir um catálogo oficial das trilhas que podem ser feitas na cidade, estima-se que pelo 11 trilhas podem ser feitas a qualquer época do

ano na localidade. Cada uma com um percurso regado a adrenalina e também do contato com a natureza e a cultura local. Além do miriti, o que o turista encontra em abundância, digamos assim, são as bicicletas – daí as trilhas e pedais fazem parte do turismo de aventura na localidade.

Cada trilha oferece ao aventureiro a oportunidade de observar e interagir com as matas, as águas e animais terrestres e aquáticos, sen-

ti os ventos do calor, das chuvas e do sol. Ter um contato próximo com aves, répteis, mamíferos, anfíbios, peixes, crustáceos, insetos em seus habitats naturais.

Para quem não tem medo de uma aventura maior e gosta de desafiar o próprio limite, pode fazer um pedal entre Abaetetuba e Tailândia, um trajeto de aproximadamente 160 Km que corta fazendas, plantações e ramais propícios ao rally.

ABAETETUBA

Onde fica

Nordeste paraense

Como chegar

De carro pelas rodovias PA-481 e PA-151 ou de ônibus via van, com veículos partindo de Terminal Rodoviário de Belém

O que fazer?

Trilhas, baren de igarapé e praias de rio ou, conheça o artesanato de miriti.

Alguns pontos considerados turísticos podem ser visitados durante as trilhas, entre eles o Poço da Moça Bonita, na localidade Murutinga; o Poço da Corrente no Jenipauá; o buraco do Tatu-Açu, no Ramal do Ernani; e o poço do Rio Fervente, no Arapiranga de Beja.

Outros esportes de aventura na região é a canoagem, o nado nos rios e também a pesca.



Fazendas, rios e corridas de rabetas. Isso é Muaná

O chamado Marajó "escondido" começa a despontar para o turismo. E a cidade de Muaná é simples, única e exuberante

BELEZAS

Quando se fala em turismo no Marajó logo se vem à mente a imagem de búfalos e as cidades de Soure e Salvaterra, com suas belas praias e vasta cultura. Contudo, um outro Marajó, que parece estar "escondido" dentro do arquipélago, já co-

meça a apresentar ao mundo o seu potencial turístico, marcado pelas belezas naturais que cercam as cidades-ilhas e, sobretudo da relação de simplicidade do homem marajoara com a natureza que o envolve, em meio a rios e florestas. Muaná, cidade conhecida como a "flor do Marajó", oferece ao visitante um turismo ecológico e cheio de aventu-

ra, um verdadeiro mergulho na história da região.

O nome "Muaná" tem origem tupi (muani) e significa "semelhante a cobra". O lugar recebeu este nome devido ao grande número de curvas nos rios muanenses. O pesquisador da Universidade Federal do Pará (UFPA), Agenor Sarraf, que tem um vasto estudo sobre as narrativas marajoaras destaca que a figura da cobra grande (que faz parte do universo de lendas amazônicas) faz parte da construção do imaginário e da história da região, haja vista que pela crença popular muitos rios se formaram nos caminhos percorridos pelas cobras de corpos sinuosos (grandes). "Estas cobras significam a fertilidade", pontua o estudioso. Numa cidade onde rios são ruas,

Diário do Pará

DOMINGO, BELÉM-PA, 30/05/2019

transitar de um lado para outro somente de barco. E, ao contrário do que se vê em muitas cidades do interior do Estado, não são as motocicletas o principal meio de transporte dos moradores. São as rabetas – pequenas embarcações de madeira e motorizadas.

Um detalhe curioso sobre este transporte ribeirinho é que eles podem servir de disputas velozes para se chegar a um destino ou somente passar o tempo. Sim, o povo de Muaná se aventurou num esporte que eles próprios batizaram de “corrida de rabeta”. Não há data ou dia específico para a prática. A qualquer dia e horário, pode-se se aventurar pelos rios da região numa disputa em que a floresta se revela como limite na paisagem.

Curiosidades à parte, a empresária Lívia Magno, que nasceu em Muaná e hoje mora em Belém, considera que nada mais representa sua terra natal que o tradicional açai com camarão. “O camarão é tão importante para a gente, que temos um festival para comemorar a safra. Ele ocorre há 38 anos, sempre no início de junho”, comenta.

O marisco é consumido de diversas formas, no entanto, a mais conhecida é a famosa torta de camarão. “É meio que um padrinho, todos os lugares onde vende comida na cidade, é obrigatório ter no cardápio a torta de camarão”, diz Lívia que recomenda, no café da manhã, experimentar o pastel de camarão no box do Jesus, no Mercado Municipal. “Outras opções são os restaurantes Sumaré e Chapa Quente”, conclui a empresária.

Na área urbana, já existe serviço de moto táxi. No entanto, quem quer desbravar a região de uma maneira mais radical pode se deslocar de bicicleta. As estradas representam ótimas trilhas de bike. Uma opção de

10192-11501/POR/19



Na estrada
COM O
DIÁRIO

11

MUANÁ

Onde fica
(ilha do Marajó)

Como chegar

De barco ou se partir dos pontos:
- Palmeras, na Cidade Velha;
- Salmita, na Bernardo Sayão
Passagens: Aproximadamente R\$ 40

O que fazer?

Passios de barco, trilhas de bike
ou passeios por fazendas e sítios
arqueológicos.

trilha é seguir até o porto de Mocajuba, que fica distante a cerca de cinco quilômetros do centro da cidade.

A parada para se hidratar e se alimentar é no bar da “tia Mita”, figura muito conhecida na região. Caso o aventureiro se perca, é só perguntar onde fica o bar dela que todo mundo aponta o caminho certo. A paisagem do rio e o pôr do sol, fecham a pedalada com chave de ouro.

A pedalada também pode ser feita no centro da cidade, onde o trajeto inclui a visita por três igrejas (São Francisco de Paula – padroeiro do município, São Benedito e o Santuário de Nossa Senhora de Nazaré). A população muanense é bastante religiosa.

PASSEIOS FLUVIAIS

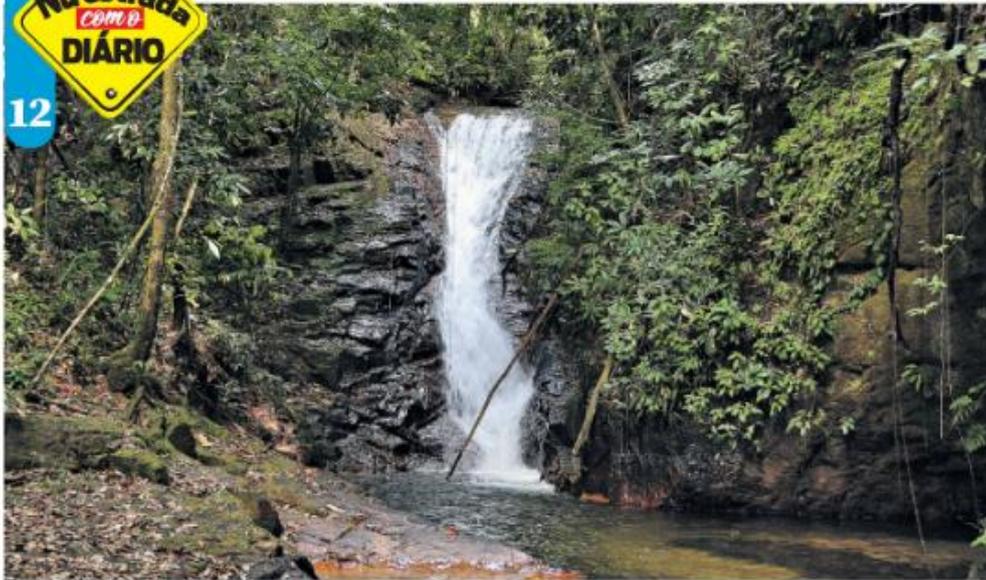
Outra opção de turismo de aven-

tura por Muaná é feita a partir dos rios. Para isso é necessário fretar os barcos. Uma das opções de destino é a Vila do Palheta, onde existe um antigo engenho, uma atração histórica onde um palacete centenário resiste ao tempo. O local é onde os escravos do século XIX produziam açúcar, álcool e cachaça.

Um passeio por fazendas históricas também representam um potencial para o turismo na região. Algumas delas guardam boa parte da memória do município, como a Fazenda Campo Limpo, onde existe um sítio arqueológico; e a Fazenda Espírito Santo, onde até hoje, o proprietário mantém tudo do jeito como era antigamente.

Na Fazenda Santo André, todo mês de janeiro ocorre uma festa tra-

dicionária e várias embarcações levam os turistas até lá. Os passeios por fazendas não são tão curtos, mas representam uma experiência enriquecedora. Quem for até lá, pode disputar uma corrida de cavalos.



WYS-REUTERS/ELB

Cachoeiras, florestas e cavernas para todos os gostos

Longe de ser apenas um lugar rico em minérios, Parauapebas abre um leque de opções gastronômicas, históricas e radicais como poucas localidades no estado do Pará

TURISMO

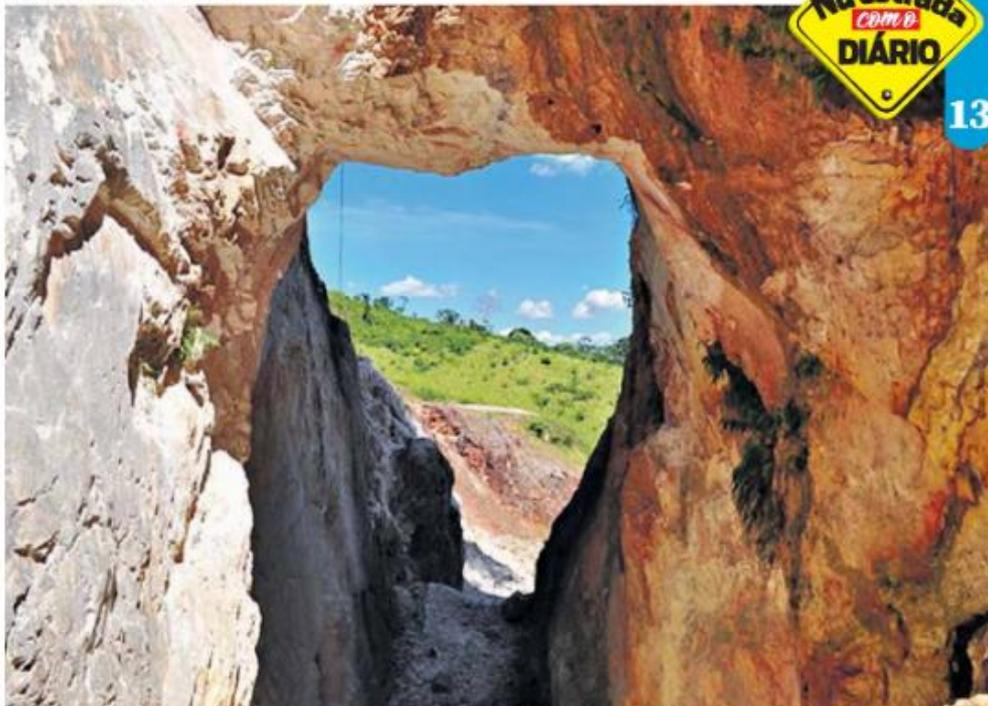
Parauapebas, no sudeste paraense, é uma das cidades que passou a investir no Turismo e na divulgação de suas belezas naturais. A cidade, que completou 31 anos de emancipação, tem mostrado ao mundo que não é somente um local rico em mi-

nério de ferro. O município um leque de opções de passeios turísticos, entre eles o "Rota City Tour", que percorre os principais pontos históricos e turísticos da cidade.

Uma das paradas do passeio é no Centro Mulheres de Barro, que trabalha com atividade artesanal de produtos cerâmicos, inspirado em artefatos encontrados por

meio de pesquisas arqueológicas. Nos pontos turísticos da cidade é comum encontrar apresentações artísticas espontâneas para manter viva a cultura local.

Artesanato, pintura corporal e pesca no rio Itacaiúmas e Cateté com artefatos indígenas, é o que o turista encontra na "Rota Indígena". O convívio com a comunidade tradicional



caracteriza uma verdadeira imersão na cultura dos povos nativos, que é bem representada pela aldeia Djudjêkô, da terra Ntikrin do Cateté.

A "Rota do Búfalo" é a opção para quem aprecia o turismo, que tem como atrativo a gastronomia rural. O turista conhece um pouco do processo de produção de derivados do leite de búfala. A rota começa a uma distância de 25 quilômetros do município, o passeio também proporciona trilha equestre e a participação

em atividades no campo com pequenos agricultores locais, que apresentam o processo de plantação, apicultura e degustação da culinária rural.

Do cardápio da culinária típica do campo, fazem parte peixes das mais variadas espécies, galinha caipira e produtos como sucos, bolos e doces derivados de cupuaçu e cujá (mais conhecido regionalmente como taperebú), por exemplo.

Os aventureiros apaixonados pela natureza encontram na "Rota Ca-

rajás" um pouco da biodiversidade da região. Com cerca de 1,2 milhão de hectares de florestas preservadas, a Floresta Nacional de Carajás é composta pelo maior Parque de Cavernas Ferríferas do Brasil – o Parque Nacional dos Campos Ferruginosos – que oferece trilhas, mirantes, savana, cachoeiras e lagoas de águas cristalinas, onde podem ser praticadas atividades de canoagem, mergulho e stand up paddle.

PARAUPEBAS

Onde fica

Sudeste paraense

Como chegar

O acesso pode ser feito de ônibus ou carro, pela rodovia PA-775.

O que fazer?

Trilhas ou esportes radicais na Floresta Nacional dos Carajás.



O refúgio calmo para os aventureiros do “Sal”

Balneário de “Águas de Jandira” é pedida obrigatória para quem está curtindo o veraneio em Salinópolis

ROTA

Na “rota do Sal” chegar ao balneário “Águas de Jandira”, na vila do Alto Pindorama, pode ser uma das melhores pedidas para quem está curtindo o verão em Salinópolis, nordeste paraense. A pedida também é seguir de bike (bicicleta) numa trilha que pode começar na orla da praia do Maçarico – o qualquer outro pon-

to da cidade – em direção ao igarapé. São doze quilômetros de estradas e ramais que levam a este paraíso ainda pouco conhecido na região, mas que acolhe a quem gosta do contato com a natureza.

O balneário, na verdade, é um sítio ecológico que contém um igarapé – que foi transformado numa piscina natural – cercado por gramas, palmeiras e árvores frutíferas que proporcionam um estado de retiro e descanso. A

aventura é refúgio para quem está na badalação das praias do Atalaia e Parol Velho.

A entrada não é gratuita e ainda tem um restaurante com um cardápio regional. Aos finais de semana, o espaço recebe grupos de amigos que costumam jogar futebol no campo do sítio.

O passeio se completa com a oportunidade de se apreciar o voo de araras sobre as árvores do espaço do balneário.

ALTO PINDORAMA

Onde fica

Nordeste paraense

Como chegar

De carro ou bike pela rodovia PA-124, de ônibus e van, com veículos partindo de Terminal Rodoviário de Belém.

O que fazer?

Trilhas, banho de igarapé e pedis, além de esportes como futebol.

**AS PRAIAS E ILHAS
DESERTAS DE CURUÇÁ**
Páginas 6 e 7

**O PARAÍSO
ESPIRITUAL**
Páginas 12 e 13

FASCÍCULO
5

Diário do Pará

www.diarioonline.com.br / BELÉM-PA, DOMINGO, 07/07/2019



AS MÃOS DA NATUREZA TE DESENHARAM

**Obras-primas esculpidas
durante milhares de anos estão,
aqui e agora, ao seu alcance.**

Lugares especiais, que são verdadeiros paraísos na terra, são o tema dessa edição. Embarque e seja feliz.

Patrocínio:



Você merece o novo.



Realização:

Diário do Pará



4

ZONA RURAL

Um lugar simples, acolhedor e praticamente escondido na zona rural de Santa Bárbara do Pará, na Região Metropolitana de Belém. É assim que podemos definir a Vila Maurícia, uma pequena comunidade localizada à margem do Furo das Marinhas, bem próximo da ilha de Mosqueiro. O lugar tem uma atmosfera pacata, bucólica mesmo, mas tem muito a oferecer

para quem gosta de aventura e contato com a natureza.

O principal cartão-postal - e ponto do vilarejo - é orla, bem pequena, mas que dispõe de uma rampa usada para quem tem lanchas e jet-ski. A boa pedida, sem dúvidas, é fazer um passeio de barco na região. Durante a maré baixa os bancos de areias nas ilhas formam pequenas praias onde os morado-

res locais costumam jogar futebol e praticar esportes.

A economia do local se baseia na agricultura familiar. O turismo é pouco explorado na localidade, porém o potencial é enorme. O acesso até a Vila Maurícia é pela rodovia PA-408, que liga Santa Bárbara a Genipauá (alguns conhecem a via como ramal do Genipauá).

Diário do Pará

DOMINGO, BELÉM-PA, 03/07/2019

O aconchego fica entre Mosqueiro e Santa Bárbara

O lugar é simples, tranquilo e fica a poucos quilômetros de Belém. E também da "Bucólica". Ou seja: a dois passos do paraíso...

VILA MAURÍCIA

Onde fica

Nordeste do Pará

Como chegar

De carro pela rodovia PA-408, na comunidade Pau D'Alco

O que fazer?

Banheira ou passeio de barco.

FOTO: DENILSON TEIXEIRA



Tá a fim de praias e ilhas desertas? Curuçá é o point

A "terra do folclore" é ainda um oásis dentro de uma região banhada por rios, mar e mangue. Combinação pra lá de perfeita

CARNAVAL ECOLÓGICO

A cidade conhecida mundialmente pelo carnaval ecológico e nacionalmente por ser a "terra do folclore" guarda ainda um título que poucas pessoas tiveram a oportunidade de conhecer. Ou melhor, desfrutar. Curuçá preserva em seu território um arquipélago de ilhas desertas dotadas de praias paradisíacas nas quais muitas delas ainda nem sequer foram tocadas pelo homem. Um oásis dentro de uma região banhada por rios e mar, onde o mangue e as espécies nativas da fauna e da flora dão cores, tons e cheiros ao ambiente.

As praias por onde o homem já pisou na região são, na verdade, lu-

gares onde os pescadores artesanais têm o privilégio de descansar entre uma viagem e outra ao mar. Uma rotina onde a cheia da maré determina o cotidiano, a vida.

Curuçá é um município localizado na região nordeste paraense — também conhecido como região do salgado por ser banhada pelo oceano Atlântico. A origem da palavra "Curuçá" é um neologismo que quer dizer "cruz de madeira" ou "cruz de pedras".

Esse nome está ligado a história do lugar que no século XVIII foi povoada, digamos assim, pelos padres jesuítas. Na área urbana ainda existem muitos casarões antigos no estilo europeu, comprovando a história e formação da cidade.

Germinando a cidade é muito conhecida em duas épocas do ano: Carnaval, por causa do bloco Fretilhos

do Mangue; e julho, quando ocorre o Festival de Folclore. São quatro dias de festas em que a culinária, a subcultura popular, as danças e a culinária da região ficam em evidência.

No entanto, outros atrativos levaram o Na Estrada a escolher Curuçá como roteiro de viagem. Um deles a ilha da Romana, talvez a mais conhecida da região, embora seja praticamente um paraíso deserto.

A viagem até a ilha começa a partir do trapiche do distrito de Abside. No mês de julho a prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Turismo, disponibiliza um barco para fazer viagem até a praia da

ROMANA

Em linha reta, um percurso de 10 quilômetros. A embarcação sai uma vez por dia e a passagem deve ser comprada com antecedência no Pon-





to de Informações Turísticas (PIT), que fica ao lado da

IGREJA MATRIZ

Para o roteiro do Na Estrada seguimos por um trajeto diferente. Pegamos uma voadeira que partiu do trapiche do bairro do Barro Alto, no centro da cidade, e seguimos pelo furo da Mãe Grande, um braço

de rio que desagua no Rio Curuçá. A paisagem é encantadora. O verde da vegetação nativa dá ainda mais vida ao mangue. Guarás, garças e outras espécies de aves dão mais cores na paisagem. Elas parecem gostar de acompanhar a viagem.

A paisagem na ilha muda, literalmente, com as cheias e secas da maré. Quando a equipe chegou a maré estava alta e uma revoadada de maricões deu as boas-vindas. Na volta, com maré baixa, uma faixa de areia parece ter se estendido por qui-

lômetros. É como caminhar por um deserto cercado de águas e

MANGUE

Fora da temporada o viajante precisa levar tudo, desde a comida e água potável para beber. A única estrutura que o turista encontra na ilha são as choupanas feitas por pescadores. Por isso, quem viaja até a ilha da Romana quer mesmo o contato extremo com a natureza.

PRAIA DO ARROMBADO

O mesmo espírito de aventura que rege a vontade de viajar até a ilha da Romana é a que prevalece para conhecer outras praias da região. Todas apresentam o mesmo ecossistema e fazem parte da Área de Preservação Ambiental Mãe Grande. Uma das praias que ganham um destaque, neste contexto, é a chamada "Praia do Arrombado" – na qual ninguém

explica, em linhas exatas, a origem nome. Há apenas "lendas", digamos assim, que contam o porquê do batismo. Por curiosidade, esta costa fica próxima a praia do

PACHICU

Ambas são praias que se formam em meio a uma região onde o rio Curuçá encontra o mar, deixando um "sabor salobra" na praia. Algumas palafitas foram construídas na extensão de areia. São habitadas periodicamente por pescadores que, quando estão no local, convidam o turista para comer um "avuado" – peixe assado na brasa feito ali mesmo na areia e temperado apenas com sal e limão. O acompanhamento principal é farinha. Nunca um peixe será tão saboroso quanto a este.

Quem for conhecer as ilhas de Curuçá é bom se programar com antecedência. Fretar uma embarcação é

essencial e – com exceção do mês de julho – não há nenhuma cooperativa ou associação que faça a travessia dos turistas.

O turista que tiver sorte pode ser contemplado com a vista de um imenso arco-íris sobre as ilhas, no final da tarde, próximo ao pôr do sol.

CURUÇÁ

Onde fica

Nordeste paraense

Como chegar

De rampeia rodovia PA-176, que liga Castanhal a Conçá ou de ônibus/van

O que fazer?

Tour pela cidade, passeio por ilhas desérticas ou ilhas ecológicas pelo mangue



Diário do Pará
DOMINGO, BELÉM-PA, 07/07/2019

FOTO: G. JAYNE BARBOSA / G. JAYNE BARBOSA



Igarapés feitos sob medida para o banho refrescante

SANTARÉM NOVO

Onde fica

Nordeste paraense

Como chegar

De carro, ônibus ou van, para rodovia PA-324

O que fazer?

Banhos em igarapés e trilhas.

A origem da cidade se confunde com o período colonial no Brasil, sendo que os europeus lá chegaram no século 17. Mergulha nessa história

ÁGUAS GELADAS

Não é que os igarapés de Santarém Novo, no nordeste paraense, sejam desconhecidos.

Mas eles representam um ótimo roteiro para encerrar as férias com um mergulho nas águas geladas e correntes da zona rural do município, com destaque para os balneários das comunidades de Fortaleza, Brasileiro e Pedrinhas.

A história da cidade se confunde com o período colonial do Brasil. Os primeiros registros indicam que europeus chegaram a região no século 17. A região era habitada por índios Tupinambá. Junto aos colonizadores vieram também a missão jesuíta

chefiada pelo padre Antônio Vieira.

No mês de julho a cidade recebe milhares de turistas que participam do tradicional Festival de Caranguejo.

Atravesse Algodual e descubra a Fortalezinha



Lugar encantado, místico e capaz de transformar as pessoas. São esses alguns dos relatos contados por quem volta de lá, após visitá-lo

"MÃE DA TERRA"

Opôr do sol na praia do Mupéua, na ilha de Maiandéua, é um dos mais bonitos a ser apreciados. Esta praia fica em frente a vila de Fortalezinha, no outro lado de Algodual. Há quem atribua à ilha uma energia mística. Um lugar encantado capaz de transformar as pessoas. Maiandéua (em tupi "mãe da terra") fica no município de Maracanã, nordeste paraense. Por lá existem outras belezas naturais que vão muito além da praia da Princesa (a mais badalada de Algodual) e que ainda são pouco conhecidas.

O balneário antes era somente uma vila de pescadores, com uma estrutura bem rústica e que tinha a oferecer basicamente somente a liberdade do contato com a natureza. Hoje, isso ainda é a característica predominante de vilarejo que já começa a melhorar, digamos assim,

Diário do Pará

DOMINGO, BELÉM-PA, 07/07/2019

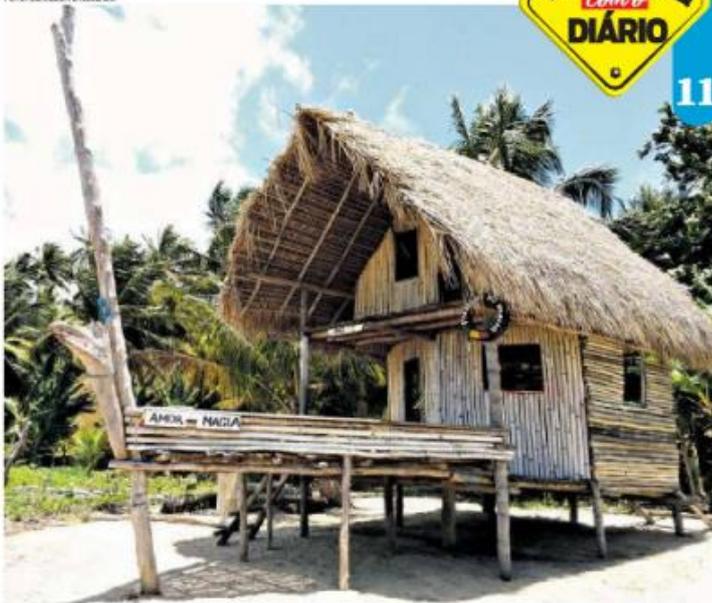
a estrada para receber os turistas e amantes da natureza. Alguns moradores locais construíram restaurantes, chalés e pousadas.

A viagem, de carro, saindo de Belém até a ilha dura cerca de três horas. O carro, na verdade, fica em estacionamentos privados na comunidade de Quarenta do Mocoóca, cujo acesso é pela estrada que liga Igarapé-Açu a Maracanã. Oito quilômetros depois de Igarapé-Açu a gente dobra à esquerda num trevo e segue a estrada, passando por várias comunidades até chegar na Vila Quatro Bocas - é nela que pegamos o rumal de terra batida e seguimos até Mocoóca. Há uma placa indicando, na entrada deste ramal.

Assim como é preciso atravessar de barco para chegar em Algodões, em Fortalezinha o acesso também é de barco pelo rio Maracanã. As canoas e rabetas que fazem esta travessia parte da vila de 40 do Mocoóca (ou vila do 40, como também é chamada).

Fora da alta temporada, o valor da travessia custa, em média, 3 reais. Esta travessia não dura mais que 5 minutos. Para quem optar por descer do barco na própria praia pagará um pouco mais caro, cerca de 5 reais. Quem não descer na praia caminha-

FOTO: DEVILSON D'ALMEIDA



FORTALEZINHA

Onde fica

Nordesite paraense

Como chegar

De carro ou de ônibus

O que fazer?

Trilhar ao longo da praia

rá por uma trilha até a praia - é, geralmente, o passeio mais recomendado. Na maré baixa pequenas piscinas naturais se formam e garantem um banho refrescante.

TRILHAS

Antes de falar sobre as trilhas é importante dizer que o período de estiagem (geralmente entre agosto a novembro) a paisagem na ilha pode mudar. A grama seca e o verde dá um tom amarelado - mesmo assim é um paraíso! Uma das trilhas é até a 'Casa de Pedra' - construção erguida por padres Jesuítas, se-

gundo contam os nativos. Esta edificação - hoje praticamente em ruínas - foi o início do povoamento da comunidade praticamente, tendo sido construído para servir de forte (daí o nome Fortalezinha).

Hoje a casa de pedra fica atrás de um casa em construção que quando ficar pronta certamente poderá esconder este patrimônio histórico. A casa de pedra não fica distante da vila, pelo contrário, fica na rua que poderíamos chamar de "beira mar". Levar protetor solar e uma garrafinha de água é obrigatório. Placas rústicas estão espalha-

das pelas ruas e algumas cabanas de Fortalezinha. Outra trilha é até o campo do cajueiro.

A priori, não oferece nada de extraordinário, mas entre um metro e outro a gente encontra algo peculiar - os próprios cajueiros, por exemplo, apresentam formas colossais (gigantes) que podem render boas fotos. Muitas árvores frutíferas estão nesse campo. No caminho você pode esbarrar com gados - muito comum por ali os bois e vacas andarem soltos. Os cachorros na ilha acabam sendo grandes companheiros nessas trilhas. Pode acreditar.



12

Retiro espiritual e ao mesmo tempo point para a aventura



FOTO: DENILSON ZILMEIA

A praia do Cocal, é o que se pode chamar de um lugar que poucos conhecem, até mesmo os moradores do "Sal". Ela se "esconde" por trás dos coqueiros da estrada que leva à badalada Atalaia

RETIRO ESPIRITUAL

Uma praia cercada por coqueiros e caminhos que formam uma rota de aventura. A tranquilidade é tamanha que retiros es-

pírituais são realizados com frequência na localidade. Uma paisagem singular e que poucas pessoas conhecem em Salinópolis, no nordeste paraense. A praia do Cocal é considerado um paraíso desconhecido na região. Talvez por ficar próximo a badala-

da praia do Atalaia - e "escondida" atrás da plantação de coqueiros na estrada de acesso ao Atalaia - até mesmo a maioria dos moradores de Salinas desconhecem esse paraíso. Para quem vai de carro, o caminho até a praia do Cocal envol-

PRAIA DO COCAL

Onde fica
Nordeste paraense

Como chegar

A pé de carro e bike por um acesso na estrada do Atalaia

O que fazer?

Tênis e banho de praia



ve adrenalina. Isto porque a estradinha de acesso mais parece com uma rota para um rally, mesmo assim vale a pena conferir. O percurso também é feito por ciclistas que costumam se aventurar por trilhas na região. A praia tem duas paisagens distintas, uma vez que na maré baixa os bancos de areia aparecem e junto com eles alguns lagos naturais.

É possível fazer a trilha a pé e o caminho leva a uma propriedade particular onde existe um casarão antigo. As ruínas indicam que a edificação era um chalé. É preciso pedir autorização aos caseiros que moram no imóvel para andar no terreno. Eles têm cachorros, daí o reforço para pedir permissão para entrar.

Fora isso, o cocal é um lugar excelente para fazer fotos e curtir o ven-

to litorâneo. Algumas pedras e rochas contribuem para a rusticidade da paisagem em alguns pontos.

VILA DE CUIARANA

Também em Safinópolis, no nordeste paraense, a vila Cuiarana também encanta qualquer pessoa que visita o lugar. Na verdade, é uma comunidade onde moram pescadores, mas a estrutura do vi-

larejo já é urbanizada, com ruas asfaltadas e casas de alvenaria.

Além de aconchegante a vila de Cuiarana conta ainda com algumas praias desertas, mas a única forma de chegar até elas é de barco. As rabetas e embarcações podem ser fretadas na orla da vila, onde já se pode ter uma prévia da paisagem que fará parte do passeio.



Praias de rios que significam tesouros

Mandií, Pesca, Salim, Cruzador, Jupatituba e Saracura são alguns dos lugares obrigatórios para visitar em Muaná, que dispensa apresentações

TURISMO ECOLÓGICO

No fascículo anterior conhecemos um pouco sobre Muaná, no arquipélago do Marajó. A cidade – que apresenta uma ampla vocação para o turismo ecológico e sustentável – também guarda ainda outras belezas que ainda são pouco conhecidas. Muaná, apesar de cercada por

rios e igarapés, não tem piscina natural, mas tem praias de rios que são verdadeiros tesouros da natureza. Entre as que merecem destaque estão as praias do Mandií, Pesca, Salim, Cruzador, Jupatituba e Saracura. A maioria localizada em pequenas ilhas de mesmo nome.

O ideal é conhecer alguém na sede do município que possa indicar a melhor forma

de alugar um barco ou lancha para fazer o passeio por estas praias. A ilha do Mandií, por exemplo, fica distante a cerca de dez quilômetros da sede do município e é banhada pelos rios Muaná e baía do Marapatá. Não há uma linha regular de barcos. A viagem até lá é somente por rabeta e pequenas embarcações alugadas. A praia é uma das mais belas do Marajó.

MUANÁ

Onde fica

ilha do Marajó

Como chegar

De barcos que partem das portos: Palmerina, na Cidade Velha, Salmista, na Bernardo Sayão, Pissagens.

Aproximadamente R\$ 40

O que fazer?

Visitar pelas ilhas e praias desertas